

Associação Beneficente Typographica

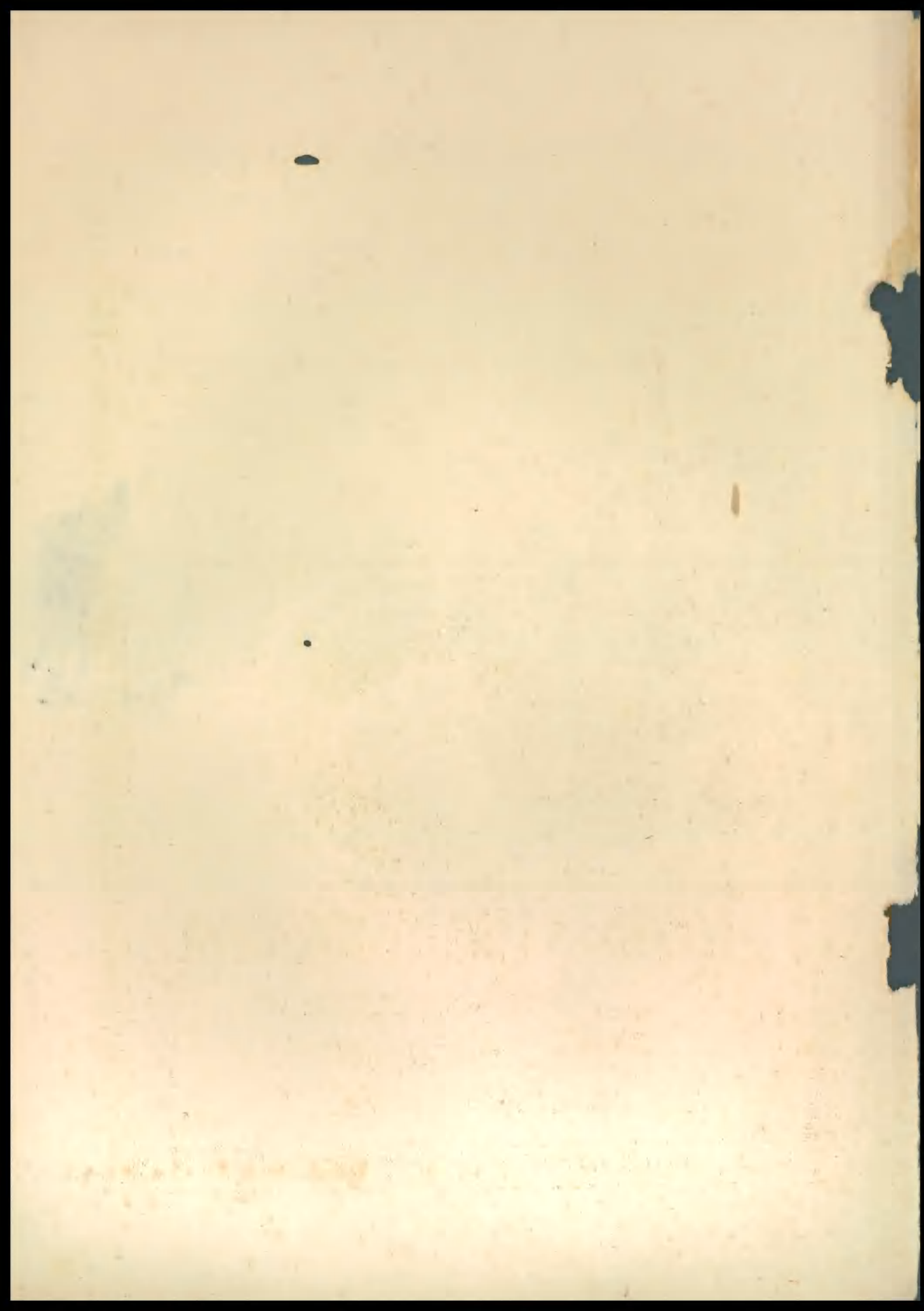
FAC ET SPERA PRO NOBIS LABOREMUS



REVISTA COMMEMORATIVA

DO 25º ANIVERSARIO
BELLO HORIZONTE
29 DE ABRIL DE 1925

IMP. OFFICIAL
TINAS-LITH.



APC04

C.1716-001
1925.04.29
S/N

NÓS



ublica a Associação Bene-
ficiente Typographica a re-
vista commemorativa de seu
25.º anniversario.

Fundada em 1900, a nos-
sa agremiação teve logo assegurado
o seu alto valor entre as associações
de classe, sendo hoje conquista de-
finitiva do operariado. De uma vez
conseguiram os typographos quanto
se alcança em longo tempo de cogi-
tações embaraçosas: deram immedia-
to acolhimento a uma idéa, e reali-
zaram-na.

Conhecedores das proprias ne-
cessidades, os fundadores de tão util
instituição decidiram-se ainda a re-
pellir o processo demorado dos aper-
feiçoamentos successivos. E resol-
veram, com segurança e previdência,
o problema do futuro, firmando as
condições melhores de amparo aos
sócios.

Os estatutos são completos, e
dizem de vantagens reaes. Deram-
nos homens que trabalharam com fé,

apoiando o edificio em base de in-
discutivel resistencia. Precisamente
por isso, prosperou a Associação. A
sua vida tem sido uma serie ininter-
rompida de empreendimentos: não
fica a deslustrar-lhe a exemplarida-
de um só periodo de desanimo ou
de comprometedoras discordancias.
Recordamos até, com justificado or-
gulho, uma verdadeira harmonia de
pensar e de sentir.

Nenhuma directoria teve, ainda,
o concurso de extranhos: todas as
responsabilidades se confiaram sem-
pre a companheiros de reconhecida
capacidade, a cuja dedicação somos
sinceramente agradecidos.

A alegria que nos traz o 25.º
anniversario da efficiente associação
vale, assi", como recompensa e es-
timulo. E a festa com que comme-
moramos a data é manifestação bem
legitima do nosso regosijo, no dia em
que para o nosso contentamento só ha
uma verdadeira sombra—na saudade
de tanta gente desaparecida...

Presidente Mello Vianna

Nos primeiros estudos de francez, davam-me para traduzir um livro de Filon. E' desse livro uma narração — *Le Peloton de Fil*. O resumo era esse: um genio appareceu a um menino e deu-lhe um novello, dizendo: «Aquillo que quizeres ser ou possuir conseguirás desenrolando esse fio. O menino, apenas desapareceu o espirito, quiz experimentar. Desejou a juventude e deu a primeira volta ao fio e assim successivamente foi fazendo, sequioso de sensações novas, até que chegou a velhice, quasi a esgotar-se o novello, e tudo isso no espaço de quinze dias...»

Essa é a narrativa de que me tenho lembrado ao ver a successão de obras e de commettimentos que o presidente Mello Vianna vai realizando em quatro mezes de seu governo. Dir-se-ia que o sr. Mello Vianna tem nas mãos o novello do apologo.

E' que s. ex. não pára. Resolve os problemas mais difficeis, em pouco tempo: não usa do *amanhã* apavorante, tão ao sabor dos homens publicos nacionaes. E não se pense que o presidente estuda os assumptos de interesse pela rama. Não: s. ex. vai ao amago dos problemas, sempre alerta deante dos prós e contras. Não é, entretanto, um tibio: não tem o receio das attitudes.

Si o seu bom senso lhe dita um caminho, avança por elle, imperturbavelmente. Veja-se o que se deu com a siderurgia. Com o dinheiro que ha annos vinhamos

gastando com papel e tinta, a tratar do assumpto, atravez de toda a discussão dos entendidos e dos não entendidos, principalmente destes, com esse dinheiro já teriamos quasi construido um alto forno... Pois bem, o sr. Mello Vianna estudou o problema, certificou-se de sua viabilidade e fez essa coisa simples — mas de uma extranha complexidade no Brasil — agiu, isto é, poz mãos á obra, arrancou a siderurgia das columnas dos jornaes, acabou com a poesia dos follicularios de alquiler e avançou, resoluta, para o terreno pratico. Assim com tudo mais.

Viviamos a lamentar a sorte das creanças pobres, dos filhos dos operarios. A ellas se referiam os homens de governo com uma ternura indescriptivel. E os literatos dos jornaes, em torno dos pequeninos seres, faziam phrases. Não obstante, o filho do operario continuava por ahi, ao desamparo, sem instrucção, e quantos delles a nos estender as mãos ás portas das igrejas!

O sr. Mello Vianna, farto do quadro triste que se deparava de ver o filho do pobre sem instrucção e com fome, e, com certeza, mais farto ainda de tanta literatice—fundou a Escola Maternal.

Com a cadeia-hospital deu-se o mesmo facto.

Abandonando toda a phraseologia que se despejava cheia de estatisticas e quadros tetricos, provando o perigo das nossas prisões, para os sentenciados enfermos, o sr.

Mello Vianna não acrescentou uma linha ao romance: assignou immediatamente o decreto creando a Cadeia-Hospital.

Quanto ao Conservatorio de Musica, batia-se, já ha longo tempo, na mesma tecla — e no caso tecla é bem cabido: Minas tem tantas vocações musicaes inaproveitadas! Bello Horizonte é um centro tão adeantado e não tem um conservatorio! São Paulo já tem um! Eram essas as exclamações.

O sr. Mello Vianna, sempre o mesmo realizador, deu-nos o Conservatorio de Musica.

O governo federal, em momento grave, sem credito votado, sem lei de orçamento, vê-se obrigado a suspender as obras federaes. Eis novamente a literatura em campo. Era necessaria essa providencia? Não era? Os jornaes provocam «enquêtes» Os entendidos fazem estatisticas sobre o numero de operários que vão ficar sem pão. A tautologia nacional teve assumpto: artigos e mais artigos, opiniões sobre opiniões. Bastava de palavras.

O sr. Mello Vianna dirige-se ao legislativo estadual e esse, em lei patriótica, autoriza o presidente a proseguir, em Minas á custa do Estado, as obras paralygadas.

E isso se fez sem estardalhaço, sem barulho, sem foguetaria. Essas realizações, que encheriam de gloria um quatriennio, o sr. Mello Vianna as leva a effeito em quatro mezes de administração.

E não se julgue que para vir assim ao encontro das necessidades publicas é preciso um presidente extendar-se ou passar noites

a fio a cabecear sobre papeis, em seu gabinete, no Palacio da Liberdade.

Com um pouco de boa vontade, ha tempo para tudo isso. Prova-o bem o sr. Mello Vianna, a quem o estudo e a resolução de problemas vitaes para o Estado não impedem de ir a Lavras inaugurar um ramal ferreo e logo depois se dirigir a Diamantina, onde a gente da vetusta cidade queria homenageal-o. O tempo parece não rarear a s. ex., que ainda encontra instantes para, como todos, ir ao cinema e fazer o «footing».

Não se isola s. ex. no Palacio e nem suppõe que o exercicio do cargo o incompatibiliza com a aspereza dos paralelepipedos das nossas ruas. Além disso, tem o presidente a vantagem de não considerar o automovel como vehiculo immanente ao cargo: o presidente passeia habitualmente a pé. Isso tudo tem feito com que o sr. Mello Vianna seja hoje o idolo do povo mineiro, e principalmente da população da capital, que convive com s. ex.

O povo ama a simplicidade e abomina protocolos.

O sr. Mello Vianna, que é democrata por indole e por nascimento, sabe perfeitamente disso.

E dahi a razão do seu triumpho! E dahi, ainda, o facto de, commemorando o seu 25º anniversario, não poder a Associação Beneficente Typographica, instituição dos homens de trabalho, deixar de homenagear, na pessoa do sr. Mello Vianna, o mais infatigavel dos trabalhadores.

Luiz Amis Buchardt

(Socio effectivo)

As mães de familia mineiras

Bello Horizonte, 28-3-925

Ao traçar as bases da actual reforma do ensino primario inclui no artigo 82 do respectivo regulamento o seguinte preceito:

«O governo ouvirá, sempre, sobre a efficiencia e moralidade do ensino, as associações de mães de familia que por ventura se organizem na localidade para promover ou inspecionar o ensino».

Tal disposição não é destinada a permanecer como uma simples formula de homenagem á vossa missão educadora e ao grande papel, que representaes nas democracias, de formadoras do character dos cidadãos. Mais pratica e efficiente é a sua finalidade, porque crêa um orgam para a vida, exercicio e realização de um direito, que é vosso, como é tambem vosso dever, — de zelar pela educação de vossos filhos, iniciada no lar e continuada na escola. O Estado tem vivo e largo interesse nessa illuminada colaboração, que encontra nos nobres idéaes que a inspiram a garantia da sua victoria.

O manancial mais puro das energias civicas e das virtudes moraes — é hoje verdade universalmente proclamada — brota da educação do lar pela palavra materna.

E' na alma da infancia, aberta á impressão de todas as imagens de belleza, que se instillam e gravam os preceitos basicos da moral social, e é nessa phase dilucular da vida que se lançam as sementes fecundas

das grandes acções futuras, dos feitos immarcesciveis, dos rasgos santificados de heroismo e de bondade.

Por outro lado, é na obediencia á doce auctoridade das mães e nos conselhos constantemente derramados do seu coração, que os homens apprendem o culto da lei, para respeitar e obedecer aos seus verdadeiros representantes.

Creando e, instruindo conscienciosamente o filho, num ambiente em que predominam altas palavras e gestos dignos, a mãe faz nelle despertar, abrindo-os para a vida — a intelligencia e o coração, o impulso do dever, o sentimento da nobreza, esse generoso arranco para as pelejas do character e da honra.

Quando a creança transpõe as portas da escola, já se presume que o seu coração se modelou nos grandes ensinamentos de ordem, de disciplina, de amor á terra em que nasceu. E dessa formação sómente as mães são capazes, debruçando na alma dos filhos a alma materna.

A escola, prolongamento do lar, pouco fará sem as fortes inspirações da mãe de familia.

Em rigor, pela precedencia absoluta da palavra, do exemplo e da direcção, a verdadeira escola primaria, a do primeiro ensino, na familia, se inicia e floresce justamente quando germina dos instinctos infan-

Homenagem



Dr. Fernando de Mello Vianna
Presidente do Estado



tis a delicada planta do sentimento, sob o alvorecer da consciencia.

A outra, a do professorado, não se póde desviar do caminho traçado. A' mãe compete velar cautelosa pelo adeantamento da creança, pela sua frequencia ás aulas, entre-tendo-a a respeito das licções e dos deveres moraes e civicos, que ella semeou no lar e que irão expandir-se ao carinho da professora.

E' para o exercicio mais efficiente desse imprescriptivel direito que o governo vos institue em orgam de conselho e informação, offerecendo-vos um modo pratico de collaborardes com elle nesta difficil e sagrada missão educativa do Estado.

A associação das mães de familia, em cada localidade, vos investirá de poder e prestigio, para que melhor executeis, junto á instituição escolar, os vossos direitos de mães.

Quem mais intimamente, com melhor conhecimento de causa, poderá, a todas as horas, ajuizar da efficiencia e do proveito moral e intellectual das licções da escola, quem com mais santo interesse poderá acompanhar o progresso do ensino e da educação officiaes, do que as proprias mães das creanças? E' possivel, comtudo, que, quanto ao valor da instrucção, propriamente dita,

nem todas façam o juizo a que se allude, porque a algumas falta a necessaria cultura. Mas a nenhuma passará despercebido o progresso moral da educação do filho ou o seu pouco aproveitamento, porque na grata convivencia do lar sensiveis se tornam os effeitos dessas modificações pedagogicas, que não são indifferentes ao carinho e desvelo maternas.

Para o crescimento e bom nome da nossa terra, posso entregar-vos esta causa, que é vossa e tambem do Estado e da Republica, confiante de que não a deixareis cahir no vazio da indifferença, mas a elevareis á altura do amor que consagraes aos vossos filhos e do supremo desejo que vos anima de que, pela bondade, pela cultura e pelo prestigio de nobres esforços, se façam elles dignos da nossa grande Patria.

Acceitae, valorosas collaboradoras da grande obra de prosperidade do Brasil, as homenagens da minha admiração e do meu culto, de envolta com supplicas ardentes a vosso terno coração dirigidas, para que, sem cessar, em fervorosa prece a Deus, consigamos paz definitiva, de que tanto carecemos para grandeza de nossa Patria — socego e felicidade de nossos lares.

Fernando Mello Vianna

MINHA MÃE

*Sangrante o coração, feito em chaga desnuda,
Batido pela dôr, em rudes vendavaes,
Aqui, junto de ti, na sepultura muda,
Custa-me crer, ó Mãe, que te não veja mais!*

*Morta!... Não mais te ver! Já não ter quem me acuda
Na tormentosa vida, em busca de idéaes!
Ó quanto isto me dóe! E a dôr latente, aguda,
Meu coração dillue em lutulentos ais!...*

*Mas aqui onde estás, no pouso derradeiro,
Sob o tecto tranquillo — a sombra de um salgueiro,
Como foste, has de ser, meu anjo tutelar!*

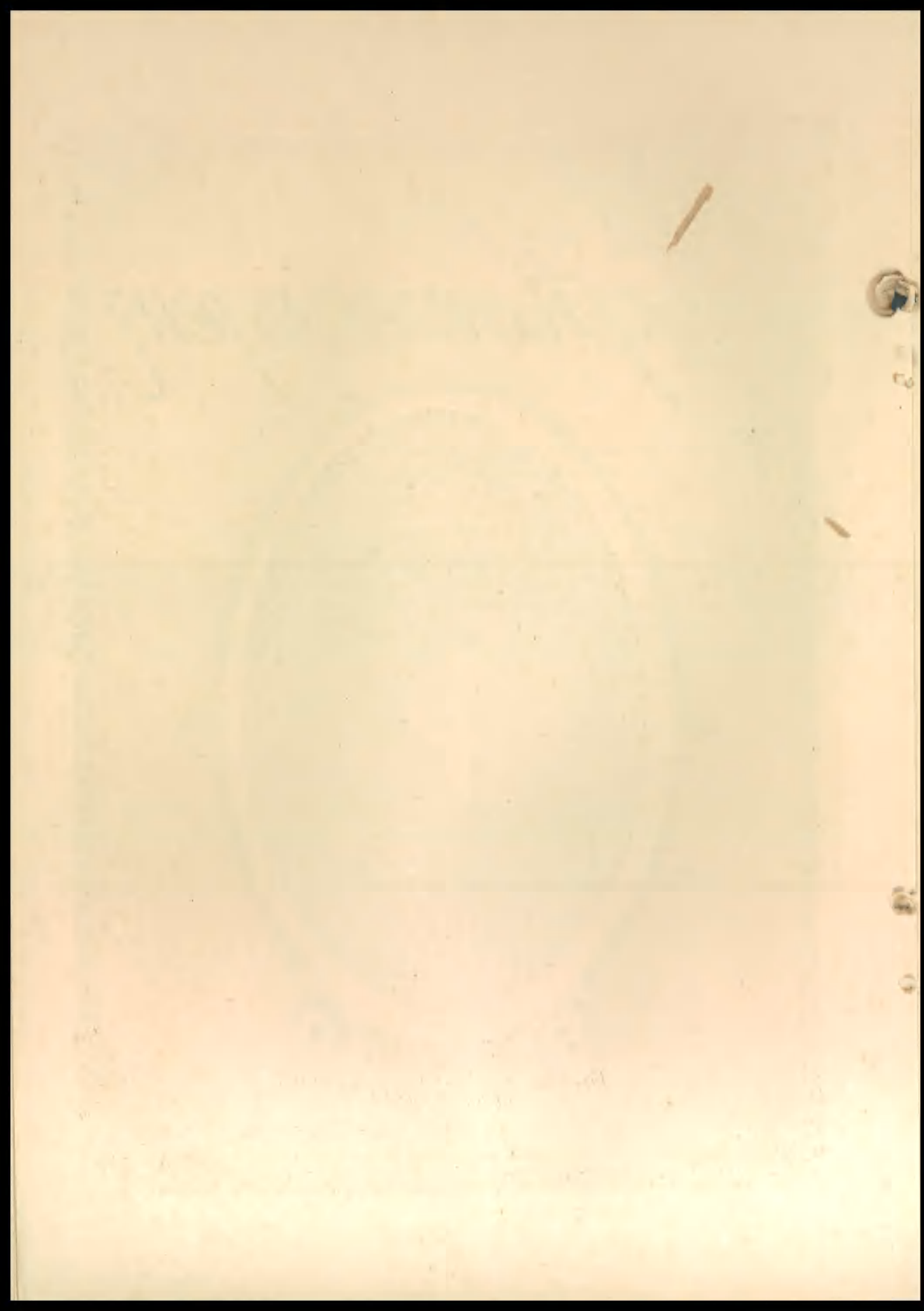
*Por isso, ó minha Mãe, que amo, idolatro tanto,
Desde que estás aqui, fiz deste Campo Santo
Uma continuação de nosso antigo Lar!*

ABILIO BARRETO
(Socio fundador)

Homenagem



Dr. Flavio Fernandes dos Santos
Prefeito da Capital



Azevedo Junior

A CONSAGRAÇÃO DE 22 DE ABRIL DE 1923

A inauguração da herma de Azevedo Junior, no Jardim da Praça da Liberdade, teve enorme significação.

Nada faltou, realmente, para que essa homenagem fosse brilhante e completa—nem o concurso das altas auctoridades do Estado, nem a presença do elemento popular, nem a própria contribuição da natureza porque seria impossível uma tarde mais luminosa, mais tranquilla, mais bella do que a desse domingo de abril, em que tão grande divida de reconhecimento e justiça foi resgatada para com a memoria do inolvidavel jornalista.

Com a presença do sr. major Oscar Paschoal, representando o sr. Presidente do Estado, drs. Flavio dos Santos, prefeito da Capital; Alfredo Sá, chefe de Policia do Estado; secretarios do Interior, das Finanças e da Agricultura, pelos seus representantes; director da Imprensa Official; commissão da Academia Mineira de Lettras, Instituto Historico e Geographico e Associação Beneficente Typographica; representantes da imprensa; academicos e professores; homens do 'commercio; funcionarios; medicos, advogados, engenheiros; elementos enfim, de todas as classes sociaes, além de senhoras e senhoritas que davam ao local onde se acha o monumento um

aspecto encantador—realizou-se ás 17 horas, a inauguração.

A herma, trabalho do conhecido esculptor mineiro Antonino Mattos, que fez obra magnifica, está no meio de um lindo canteiro de rosas, em frente á Secretaria do Interior; é de bronze com um artistico pedestal de granito, onde numa placa, tambem de bronze, se lê: "A Azevedo Junior, ao povo mineiro."

A' hora marcada para a solemnídade, o local regorgitava.

Tomando a palavra, o sr. deputado Fidelis Reis, em nome da Commissão, pronunciou, sob o mais respeitoso silencio, um bello discurso vivamente applaudido.

Agradecendo em ligeiras palavras, disse o dr. Flavio dos Santos, prefeito da Capital, que recebia, com muito prazer, em nome da cidade, o monumento que ora se erguia á memoria de Azevedo Junior.

Serenados os applausos que abafaram as ultimas palavras do sr. Prefeito, falou, em nome da impreusa mineira, o sr. dr. Noraldino Lima, redactor-chefe do "Minas Gerais" e presidente, naquella época, da Academia Mineira de Lettras.

A oração produzida pelo dr. Noraldino foi a seguinte:

«Em agosto de 1905 chegava a Juiz de Fôra um modesto candidato a preparatórios. Como companheiros de peregrinação trazia apenas — na cabeça um punhado de sonhos; na mala, um punhado de versos. Aos rincões de sua terra chegara, através dos jornaes, a noticia de que na Princesa do Parahybuna, havia um homem singular, de grande prestigio no mundo da intelligencia, que tinha sempre, atraz dos oculos, um olhar para os pequenos e, na bocca, uma palavra de conselho para os que começavam. Foi procural-o. Lembra-me bem, neste intervallo de quasi 18 annos que se foram, a commoção desse estudante sem recursos e poeta sem editor, ao subir, desconfiado e confiante, a escada de um chaletzinho antigo, de aluguel, que se erguia na rua Direita, perto do Collegio Mineiro e do «O Pharol» — as duas officinas onde aquelle homem, muito triste e muito bom, de uma tristeza immensa e de bondade ainda maior, comprava, á custa da propria vida, o inapreciavel direito de viver.

Com que ternura, com que benevolencia aquelle Briareu da penna, já no antecrepusculo da vida, acolheu o obscuro preparatoriano, que era então o esboço apenas de uma vontade!

Correram os annos. O artifice das «Páginas» desceu para o mar; o rimador dos «Albores» subiu para a montanha. Encontram-se, hoje, de novo: aquelle, sobre um pedestal, immortalizado no bronze de uma herma; este, com a alma de bruços, para, como singelo representante da imprensa mineira, dizer, nesta inauguração consagrada, algumas palavras de justiça e de saudade á memoria do primeiro, que foi para nós outros, que jornadeamos no periodismo — nosso camarada, nosso amigo, nosso irmão.

Irmão, sim, porquanto todos o são que pelejam pela victoria do ideal commum, embora se contrariem, muitas vezes, as estradas que a elle vão dar, embora os arrufos e encontrões que, não raro, se verificam na penosa caminhada.

O idéal, como alça de mira das aspirações e sentimentos, é semelhante a um gran-

de estuario luminoso, onde, afinal, se conjugam todas as fontes da vertente: estas nascem na planicie, têm curso rapido e certo, tranquillo e bem fadado, e, em pouco, entram pela margem da caudal; aquellas vêm de longe, brotaram de furnas ignoradas, fizeram curvas e deram saltos para domar a hostilidade da terra; avançando sempre, parece frequentemente que estão voltando ao nascedouro, de encontro á direcção normal de suas irmãs confluentes...

José Maria Teixeira de Azevedo Junior foi assim. Correu entre seixos e pedrouços, mas, {do mesmo modo por que as aguas comprimidas pelas barrancas se aprumam no leito e, ennovelando-se para o céu, protestam, fragorosas, contra o abraço de pedra que as suffoca, elle alteou seu grito de guerra e, vencendo os occidentes e surpresas do caminho, chegou ao fim como chegam os homens de bem: dignificou a profissão e serviu a consciencia.

Si, em vida, praticou a divisa de Adolpho Thiers—«O homem nasceu para agir»— podia-se gravar agora no granito deste pedestal o mesmo epitaphio simples e completo que a França republicana talhou no tumulto do libertador moral de seu territorio: «Il a aimé sa patrie; il a cherché la vérité».

Abraçando as profissões mais asperas de quantas se acotovelam no seio da familia humana—o magisterio e o jornalismo—Azevedo Junior viveu, para repetir uma velha imagem, entre Scylla e Charybdes, da mesa de redacção para a cadeira de professor, ensinando as crianças e orientando os homens.

Pedagogo, foi o collaborador indefesso da grande obra civilizadora por que se empenham, em nossa terra, o esforço governamental e o particular, dando-lhe o relevo que a estatistica assignala entre as suas co-irmãs federadas.

E, nesse amor ao ensino, si havia, de um lado, a contingencia de ganhar a vida, por outro se revelava, eloquente e desnuda, uma das mais formosas facetas de seu espirito: o devotamento aos humildes, porque não ha, de facto, nada mais passivo e pequenino do que uma criança fechada dentro das paredes brancas de uma escola.

Onde, porém, a acção de Azevedo Junior se evidenciou, de modo incontrastavel, foi no jornal.

Delle se pode dizer, com felicidade de adaptação, o que Henrique Coelho affirmou de Joaquim Nabuco e Eduardo Prado como jornalista:—Não tolerava a accusação ou a censura de dilettantismo, conscio como se achava da seriedade da tarefa de quem escreve para ser lido. O que, acima de tudo, lhe importava era a manifestação das opiniões, adquiridas no estudo de cada dia; era a intenção de esclarecer, o desejo de livrar os outros do erro, o designio de sustentar e defender a verdade, indifferente aos elogios e aos galardões de quem quer que fosse. Não obedecia a impulsos de vaidade; ao contrario, expondo-se muitas vezes aos rigores da critica ou aos excessos da intolerancia, cuidava tão sómente de mostrar ao publico o melhor caminho—o caminho do direito, da razão e da justiça.

O «Diario de Minas», «A Capital», o «Jornal do Povo» e «O Bello Horizonte», campos de actividade local do fundador da imprensa entre nós, guardam, nas suas columnas, archivadas, mas vivas na admiração dos coevos, e na daquelles para quem os archivos têm mais alguma cousa do que o pó e a traça, o perfil intellecto-moral do intemerato jornalista, que tudo redigia—e muitas vezes só: o artigo de fundo e a chronica, a pilheria e o sueto, o noticiario e o annuncio.

Azevedo era um simples—no traje, nas maneiras e sobretudo no estylo, naquelle estylo de agua que corre, sonoro e manso, reflexo de força, creador de belleza—da força, que era o fundo, da belleza, que era a fórma—estylo ao qual Anatole France applicaria, com justiça, a sua concepção do bello, quando disse que *seul la simplicité est belle*.

Obediente ao seu temperamento, foi o mais combativo de nossos homens de imprensa. Vendo o mundo e a vida através do prisma de uma objectivação individual; exercendo a critica, a seu modo, com absoluta illimitação de liberdade, Azevedo Junior, como jornalista, foi sempre grande; como homem, foi humano. A penna, que

apontava horizontes, era tambem, não raro, a clava que contundia...

Si, entretanto, «o fim do homem é ser sincero», como dizia Ibsen, nenhum peccado, rêm mesmo venial, por conta dos campeonos de que foi parte, pesa sobre a alma do homenageado desta tarde, porquanto si as suas attitudes levaram o selo de uma franqueza por vezes rude, foram tambem sempre marcadas pela sinceridade sem refolhos que era uma de suas notaveis characteristics.

Homem—bandeira para os que, na sua propria phrase, «caminham vencendo», trouxe sempre no cerebro e no coração a legenda de Pedro I no Ypiranga. Sonhando, no seu recolhimento, e pregando, nos seus jornaes, uma sociedade sem herva de passarinho, uma patria sem matapau, o grande paizagista de nossos costumes batia-se como um deus guerreiro dos tempos heroicos por um 7 de setembro de outra especie, com outro objectivo, e que surgisse na ordem moral com o mesmo desassombro victorioso d'aquell'outro que, na ordem politica, fez vibrar, ha um seculo, as margens gloriosas do riacho immortal.

Para isso elegeu, na alvorada dos seus quasi trinta annos de luctas infatigaveis, a mais penhascosa de todas as tribunas, a mais ingrata e absorvente de todos as profissões—o jornal—não o jornal-calceta, o jornal-balcão, «boutique où l'on vend au public des paroles de la couleur dont il les veut» como dizia Balsac, referindo-se, injustamente, a todas as gazetas, mas o jornal que Azevedo idéalizára—pretorio para a defesa de todos os direitos; arena onde se travam as justas pelas liberdades opprimidas: altar, cujos degraus de espinhos o homem-sacerdote galga, todos os dias, com a tortura de Lacoonte e a energia de Antheu, pensando na santidade do acto e na grandeza do sacrificio.

* * *

Pobre Azevedo Junior! Havia nos teus olhos de luz apagada e no teu vulto cypressal, de homem soffredor e vencido, a photographia real de tua existencia.

A carta—miserere que acaba de ser lida por um de teus melhores amigos e promotor incançavel deste carinhoso preito em que bate a alma popular de Minas, dá bem a medida de tua angustia. H, nella, condensadas, as sombras amar, as do desalento e as dores todas—physicas e moraes—que se fizeram para colorir, sinistramente, as tragedias do espirito e a agonia da carne. E' um lamento á beira do tumulto; um grito dentro da treva; dos periodos rapidos e nervosos que a compõem, emerge, dolorido, o perfil de gigante que soluça.

Espiritualmente forte, cordialmente bom, foste, meu pobre amigo, o corpo que não dormiu, a alma que não descansou.

Agora, porém, que dormes e descansas, ha 14 annos, longe do campo de tuas melhores pugnans, longe do meio em que foste, no teu officio, nosso cavalleiro Bayard, *sans peur et sans reproche*, voltas a viver comnosco, materializado nesse pedaço de bronze que a intelligencia do artista trabalhou e a saudade dos que te amaram fez plantar aqui, na Praça da Liberdade, dessa liberdade que foi, no teu destino, obsessão do espirito e holocausto da fortuna.

Aqui, entre arvores e flores — que são as caricias e os beijos da natureza — no centro dessa muralha de esmeralda, terás em cada *figus* o teu carvalho de Tasso. Este retiro é o teu Janiculo. Lá embaixo não se derrama a Cidade Eterna, tocada pela maravilha de sua gloria; mas levanta-se, magnifica no esplendor de sua mocidade, a nossa querida Bello Horizonte, cuja formação e progresso tanto te devem.

Qual se deu com o lapidario da «Jerusalém Libertada», o dia do teu Capitolio não chegou tambem. O que foi para o poeta a noite da loucura, foi para o jornalista o pesado crepusculo dos que nada quizeram para si e só desejaram para os outros.

Na paz meditativa deste recanto; na doçura silenciosa desta collina, ouvindo a confidencia magica das rosas que te cercam e o concerto aromal das frondes que te saúdam, sob este céu de Minas, embalador e manso, tonto de azul, vertiginoso de luz,

onde se desenrola num deslumbramento, o drama dos poentes immortaes—viverás, como num halo, a vida dos que se perpetuam na consciencia dos homens, pelo exemplo que deram, pelo bem que derramaram, cultuando a honra pela honra e cumprindo o dever pelo dever».

A seguir falou, pela Associação Beneficente Typographica, o nosso consocio sr. Moacyr Assis Andrade que proferiu o discurso abaixo, que julgamos dever inserir nesta Revista commemorativa das bodas de prata da nossa instituição.

«Senhores — Eu sei perfeitamente que outra palavra não deveria ser ouvida nesta singela homenagem, depois da bella oração do presidente da Academia Mineira de Letras e do admiravel discurso do representante da commissão que sobre si tomou o encargo — doce e suave encargo, aliás — de erguer, na capital de Minas, um dos pontos em que a actividade mental de Azevedo Junior mais se fez sentir, uma herma que lhe perpetuasse a memoria.

Mas, senhores, eu venho representar, aqui, apenas a gratidão. E, parece-me que para a gratidão deve haver toda a benevolencia.

De Azevedo Junior, como jornalista, que vos poderia eu dizer que não conhecesseis, ou que vos já não tivessem dito os illustres oradores que me antecederam?

Quantos, dentre vós, não tiveram a ventura de admirar, minutos após á sahida daquelle cerebro privilegiado, os seus admiraveis artigos de imprensa?

Quantas vezes não sentistes como que um desafogamento intimo, ao verdes que a sua penna defendia uma opinião que era tambem a vossa, dizendo o jornalista o seu pensamento, sem rebufos, sem pedir licença a quem quer que fosse, com a serena calma do homem de bem que detestava tudo o que não fosse digno. Procurando no jornal, além de uma seducção, uma tarefa que lhe garantisse a subsistencia, Azevedo Junior nunca se deixou captivar, produzindo um successo de que hoje não podemos medir a extensão, e creando em torno de seu nome um circulo de respeito e, — para que não dizer? — de espanto; do es-

panto que causa sempre aquelle que, não sabendo adorar a Força, se faz a voz que annuncia, voz que produz então o «ruído infernal de mil sinos em noite silenciosa: encommoda os vivos e não tem o poder de despertar os mortos».

Azevedo Junior, com a sua complexa faculdade de apprehensão e de crítica amoldada a uma fórma de expressão propria, fazia sempre resaltar, em todos os trabalhos que sahiam de sua penna, um raro poder de observação e o desassombro varonil do pensamento.

Os assumptos elle os estudava, á luz apenas de seu proprio espirito, encarando-os amplamente, sem distinguir o que devia e o que não devia ser dito, e derramava sobre elles a sua opinião, fosse ella qual fosse, sem indagar quem a iria receber com palmas ou com protestos, ou si a sua opinião estava condemnada pelo Alcorão politico, soberanamente indifferente a tudo o que não fosse a paz que sempre quiz e sempre poudo manter com a sua consciencia de homem digno.

Esse é o ponto pelo qual melhor se deduzirão os conceitos sobre sua vida e actualção no meio literario de seu tempo, com o seu feitio energico, talvez, ao vêr de muitos, masculino de mais, porém sempre verdadeiro e justo.

Si Azevedo Junior, visto em seus dias, é digno de ser admirado pelos que o conheceram e presenciaram sua acção, maior deverá ser hoje a nossa admiração por elle, hoje que, no Brasil, a carreira de jornalista, que elle tanto ennobreceu, é como que um *habeas-corpus* para todos os attentados contra a Verdade e contra a Honra; hoje que a penna de alguns jornalistas é temida como o punhal do assassino — a penna, esse instrumento que Pio X se sentia feliz em abençoar como outrora seus predecessores abençoavam as espadas dos guerreiros; hoje, enfim, que os que se fazem evangelisadores da palavra escripta, entre nós, se julgam desobrigados de quaesquer credenciaes e que o jornal — é verdade que ha excepções — está no Brasil entregue aos moedeiros falsos da imprensa.

Sob o ponto de vista propriamente literario, Azevedo Junior deu-nos as suas chronicas admiraveis de observação, igualando-se aos nossos melhores escriptores — si havia lacuna no estylo, a sua fidelidade na observação tudo fazia desaparecer.

As «Pastoraes» os seus «Quadros», «Italianitos», «O Bebedo» e «Bohemios» são paginas que não morrem.

A esta ultima — «Bohemios» — eu devo estar aqui presente, deante de vós.

Si com sua penna, Azevedo Junior não teve a felicidade de vêr mudarem-se as praticas que elle profligava — ficando apenas a sua opinião como directriz do caminho seguro e recto — eu tenho certeza de que ao seu coração de homem fundamentalmente bom a victoria que alcançou com sua chronica «Bohemios», quando redactor do «Jornal do Povo», lhe valeu por todas as victorias que porventura pudessem ter conquistado a sua penna.

Foi, senhores, no anno de 1900. A capital de Minas mudara-se ha pouco para aqui e como parte do apparelho administrativo para cá veio tambem a Imprensa Official do Estado, e, com essa mudança, aqui vieram ter tambem os typographos do «Minas Geraes».

Homens pobres e sobrecarregados de familia, transplantados, de um momento para outro, de Ouro Preto — a cidade onde muitos haviam nascido e onde viviam ha longos annos na intimidade do affecto que unia a familia ouropretana, que nas horas da amargura sabia auxiliar — transplantados dessa especie de patriarchado para Bello Horizonte, nova Cosmopolis, com a febre de modernismos, inteiramente desconhecidos, é facil de calcular a situação de insegurança da classe dos typographos, situação que se tornava a mais angustiosa no momento do infortunio. E, então, quando a enfermidade abatia um desses artistas, a miseria para logo o empolgaria, si não fosse a alma generosa dos collegas que, numa collecta expontanea, iam levar á casa do enfermo o soccorro da caridade. Si a morte vinha, mais negro se tornava o quadro: o enterro era producto de uma subscrição entre collegas e a familia ahi ficava ao desamparo.

A' alma sensível de Azevedo Junior, este triste espectáculo, sempre repetido, era assaz doloroso e foi numa explosão de bondade, numa justificada revolta contra aquella situação que elle entendia não dever mais perdurar, que Azevedo Junior traçou a chronica «Bohemios», em que descrevia a miseria que rodeava, justamente naquella occasião, um typographo no seu leito de dores e ao mesmo tempo concitava a classe a se unir, a dar as mãos, a se congregar, para que juntos plantassem os typographos de Bello Horizonte a boa semente para a hora da adversidade... A chronica de Azevedo Junior produziu o desejado effeito. A semente fôra lançada em terreno proprio, e sob os carinhos e incentivos do mestre querido fundava-se em 1900 a Associação Beneficente Typographica. A principio baixa como a relva, depois fragil arbusto, sempre, porém, regada pelo suor dos homens do trabalho, que a zelavam como filha querida, a Associação prosperava e a semente hontem lançada fez-se arvore, tornou-se tronco e hoje ahí está a Associação que garante a seus associados na doença, na invalidez e na morte.

Senhores:

Como vos disse, a principio, eu sou aqui a voz da gratidão — eu interpreto a homenagem que a A. B. Typographica rende á memoria daquelle que foi bem o seu pae espirital; daquelle que no céu hade ter recebido a paga desse immenso bem que fez; de Azevedo Junior, cujo elogio nos parece tão facil de fazer como o que fez certo soldado persa, que, após uma batalha, tendo deixado o seu commandante nas mãos dos inimigos e sabendo que o accusavam de traidor, sem poder falar porque o inimigo mutilara-lhe a lingua, correu ao seu acampamento e lá, tirando a espada, o seu depoimento sobre a conducta de seu superior foi apenas este — traçou com a ponta da arma uma recta no chão. Eloquent e simples elogio!

Pois assim tambem a vida de Azevedo Junior pode ser definida: foi uma linha recta, serena e resoluta».

Por ultimo, apresentado pelo sr. deputado Fidelis Reis, falou o sr. dr. Oswaldo

Paixão, nosso illustre confrade da imprensa carioca.

O dr. Paixão fez um discurso vibrante, com referencia, especialmente, á lisura de conducta da imprensa mineira e a santidade do lar de Azevedo Junior, cuja austeridade de costumes ainda exerce salutar influxo na formação moral e na vida dos seus: tal pae, tal familia.

O discurso do festejado jornalista carioca arrancou muitos applausos á numerosa assistencia.

A brilhante festa terminou já ao anoitecer, deixando em todos a mais agradável im ressão, pelo carinho e simplicidade commovente de que se revestiu.

A bandeira nacional que envolvia a herma foi, a convite do dr. Fidelis Reis, decerrada pelo sr. Francisco de Paula Gil Junior, presidente da Associação Beneficente Typographica, de que Azevedo Junior foi fundador mental.

Descoberto o monumento, ouviu-se prolongada salva de palmas.

Estiveram presentes ao acto os filhos do homenageado: sr. Francisco de Azevedo Junior e senhorinha Beralda de Azevedo Junior, que vieram do Rio especialmente para esse fim.

Da commissão promotora da homenagem e constituida dos drs. Mendes Pimentel, Fidelis Reis, Afranio de Mello Franco, Estevam de Oliveira, e Mendes de Oliveira este já é fallecido, tendo os dois primeiros estado presentes e recebido muitos cumprimentos pelo brilho excepcional que teve a solemnidade.

TEU PÃO

Este pão que tu ganhas na pobreza
E que comes depois de uma oração,
Tem aos olhos de Deus tanta pureza
Quanto tinha o da tua comunhão.

Põe os olhos em Deus e o coração,
Trabalha noite e dia com nobreza :
— Jesus virá sentar-se á tua mesa,
Jesus partilhará deste teu pão.

Elle estará contigo noite e dia,
Nas horas que labutes com teu malho,
Nas horas de tristeza ou de alegria.

Si a desgraça vier, que Deus arrote-a,
— Pois o pão que tu ganhas no trabalho
E' tão divino como a propria hostia.

DJALMA ANDRADE

J E S U S ! . . .

Ha 1892 annos, nasceu Jesus, no modesto villarejo de Bethleem, esse Jesus que veio de Nazareth, que transfigurou-se nas Oliveiras de Bethania, subiu o Golgotha, e voou para o infinito...

A localidade do seu nascimento não era senão um despretençioso povoado constituido de uma praça e quatro ruas que se cruzavam.

No centro dessa praça, uma fonte existia, onde iam beber os viandantes pelo villarejo.

Não havia miseria por essas bandas ricas, onde Jesus nasceu. Ahi, até o vinho, que das uvas fabricavam, era alimento bom. E Jesus, filho de um carpinteiro e sua mulher, já pelos doze annos talvez, trabalhava a madeira e vivia ao rude conforto de um operario laborioso.

Os tempos se passaram; e quiz a fortuna que o modesto operario de Nazareth, o rabbino escarnecido dos poderosos, o nazareno manso e silencioso, fosse designado para exercer na face da terra e perante os homens, o papel magestoso de um predestinado, que tomou a posição de um Deus, para salvar os seus semelhantes.

Christo foi a pobreza, foi o amor em todas as suas manifestações inequivocas; elle foi a bondade, o perdão, a justiça e o bem.

Porque elle foi tudo isto, os da sua nação condemnaram-no a quantas humilhações uma creatura humana pode padecer. Mas a sua fortaleza pessoal jamais se curvou aos poderosos: e Jesus não foi, na sua vida, senão um martyr, mais do que um heroe.

Pobre Jesus! Tu, que tinhas apenas um manto e que ordenavas que se desse de esmola a ultima tunica que possuisses!

Tu! ó poderoso cordeiro de Judá, que foste, ha mil e muitos annos, a fé dos nos-

sos antepassados e a gloria dos que te crearam, consente que nesta hora, de tão graves apprehensões para o mundo, revivamos nas Escripturas a supplica que fazemos á tua bondade, ao teu mysterio e á tua sabedoria, no sentido de que possas, ou alguém por ti, replantar no coração dos homens essas virtudes que a tua força, e o poder dos deuses teus antepassados, transmittiam á epocha maravilhosa do teu reinado,—hoje, neste quartel do seculo que transcorre para nós com pavorosas duvidas.

Se tu, Jesus de Nazareth, tens ainda essa força, esse poder de sabio, de Deus e governo do mundo, com a moral que a tua previsão instituiu, ordena que as seitas e as religiões não excommunguem o teu credo, nem affrontem os teus principios; que os ricos e os poderosos se approximem de ti, embora saibam que a ninguem é lícito ter muitas roupas, muitas tunicas, e a luxuria, e os exercitos, toda essa tremenda ostentação de força, de poderio, de criminoso orgulho, que os teus principios condemnam, na palavra maravilhosa do Evangelho!

Hoje, paixão de 1925, nós te endereçamos, ó modesto filho do carpinteiro José, estas palavras, que são nascidas dos nossos idéas democraticos e que são uma invocação aos teus nobres sentimentos, Jesus Nazareno, filho de operario, violeta do martyrio,—supplicando-te, resurjas no coração dos povos, no peito dos sacerdotes, no ambiente dos templos, na atmosphaera dos lares!

Bello Horizonte. Sexta-feira da Paixão—1925.

Honorio Guimarães
(Socio effectivo)

O Typographo



TYPOGRAPHO é o operário do pensamento, porque é quem põe em acção essa faculdade do espirito na grande officina da—Imprensa.

E' por meio do trabalho assiduo, constante e laborioso das officinas typographicas, onde se fabricam os tijolos graniticos dos ideaes, que se têm organizado os compendios de instrucção, de economia, de industria, de direito, de civilização e de todas as sciencias necessarias ao progresso e desenvolvimento educativo da humanidade.

Dessa tenda nocturna, inventada e creada pelo genio de Gutemberg, apesar de atrozes perseguições dos André Dridetsehen e João Riffe, invejosos do seu invento, dessa tenda nocturna, repetimos, onde trabalham os typographos ás horas mortas da noite, é que tem surgido, como que por encanto, de par com o toque da alvorada resplandescente do céu a luz maravilhosa e electrizadora do saber humano.

A' mesma hora em que a luz matutina rompe as cortinas do firmamento para derramar no mundo material o clarão proliero da florescência perfumosa da saude, da seiva, da vida, a luz da Imprensa—como que por uma combinação prévia, numa claridade de apothose, rompe tambem os densos nevoeiros dos incognitos e da ignorancia, para derramar no mundo intellectual e

moral o clarão magico da força productiva, do renascimento e da esperança.

A sensação que o homem avido de saber sente ao contacto dessa luz prodiosa, é tão agradável e vibrativa, que como que elle sente penetrar-lhe n'alma a propria frescura da manhã, envolta na atmospha de uma esperança perfumosa.

Essa luz do saber é uma poeira de astro que, sahindo como uma lufada de ar purissimo dos horizontes infindos do espaço se espalha pelo campo das evoluções para que destas surja a victoria triumphante do progresso illuminada pelos raios de ouro de um sol esplendido.

E' alli nos cadinhos do clichés que se têm aperfeiçoado as leis que regulam as faculdades das intelligencias, os codigos de justiça e de moral, com que os grandes espiritos têm procurado esclarecer e orientar as consciencias das agremiações universaes; as instituições de beneficência e de caridade para melhorar o estado afflictivo dos infelizes.

As reformas que se têm tentado no sentido de se consolidar o equilibrio equitativo dos direitos e dos interesses da collectividade; e, finalmente, os methodos de organização que se'am mais adaptados ao meio e ás condições para as classes sociaes afim de que essas mesmas classes, reunidas e unificadas num só pensamento de amor

fraternal, contribuam para o bem estar de todos, geralmente.

Eis o que se engendra, o que se manipula, o que se fabrica, o que se executa nas officinas das typographias, cujos trabalhos são centuplicados, porque são feitos nas horas em que a natureza deixou para o descanso das lides quotidianas.

De fórma que, enquanto as outras classes dormem socegradamente no aconchego do descanso reparador, o typographo trabalha para que ellas encontrem ao acordar pela manhã o alimento para suas almas, a satisfação para a sua curiosidade, o adubo para as suas delicias, a claridade para os seus ideaes e o renascimento para as suas esperanças.

A Imprensa, disse Lamartine, aproxima o pensamento do homem isolado e o põe em comunicação immediata, continua, perpetua, com todos os pensamentos do mundo invisivel, no passado, no presente e no futuro.

Disse-se que o caminho de ferro e o vapor supprimiam as distancias; pôde dizer-se tambem que a Imprensa supprimiu o tempo.

Graças a ella nós todos somos contemporaneos. Eu converso com Homero e com Cícero; os Homeros e os Cíceros dos seculos futuros conversarão connosco, de tal modo que não devemos hesitar em dizer que um prélo é antes um verdadeiro sentido intellectual, revelado por Gutenberg aos homens, em vez de uma machina material; porque, se ella se constitue pelo papel, pela tinta, pelos caractéres, pelos algarismos, pelas letras que apresentam aos nossos sen-

tidos, ao mesmo tempo é constituido pelo pensamento, pela moral, pelo sentimento, por uma porção, afinal, da alma humana.

Por isso não erramos em dizer que o typographo é o obreiro dos grandes edificios sociaes, é o obreiro no sentido pleno da palavra, é o artista por excellencia, porque, se o auctor crêa, elle é quem executa; se o primeiro delinea o plano, elle é quem o põe em execução com o seu trabalho artistico.

E, mais tarde, é quem põe, á vista do mundo satisfeito, a criação intellectual do genio ou o trabalho illustrativo da sciencia. Se o genio, repetimos, concebe e consegue concatenar o seu trabalho, luminosamente elaborado nas faculdades excepcionaes de sua intelligencia, é o typographo que transmittê á posteridade o valor, a grandeza e o brilhantismo de seu triumpho intellectual.

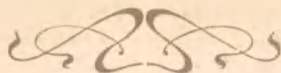
O typographo é, finalmente, a alavanca moral do progresso e da evolução, porque é quem dá o impulso necessario aos seus machinismos para que destes se derramem pelo mundo, em profusão, os raios dourados de um sol luminosissimo, infinitamente prolifero, infinitamente benefico.

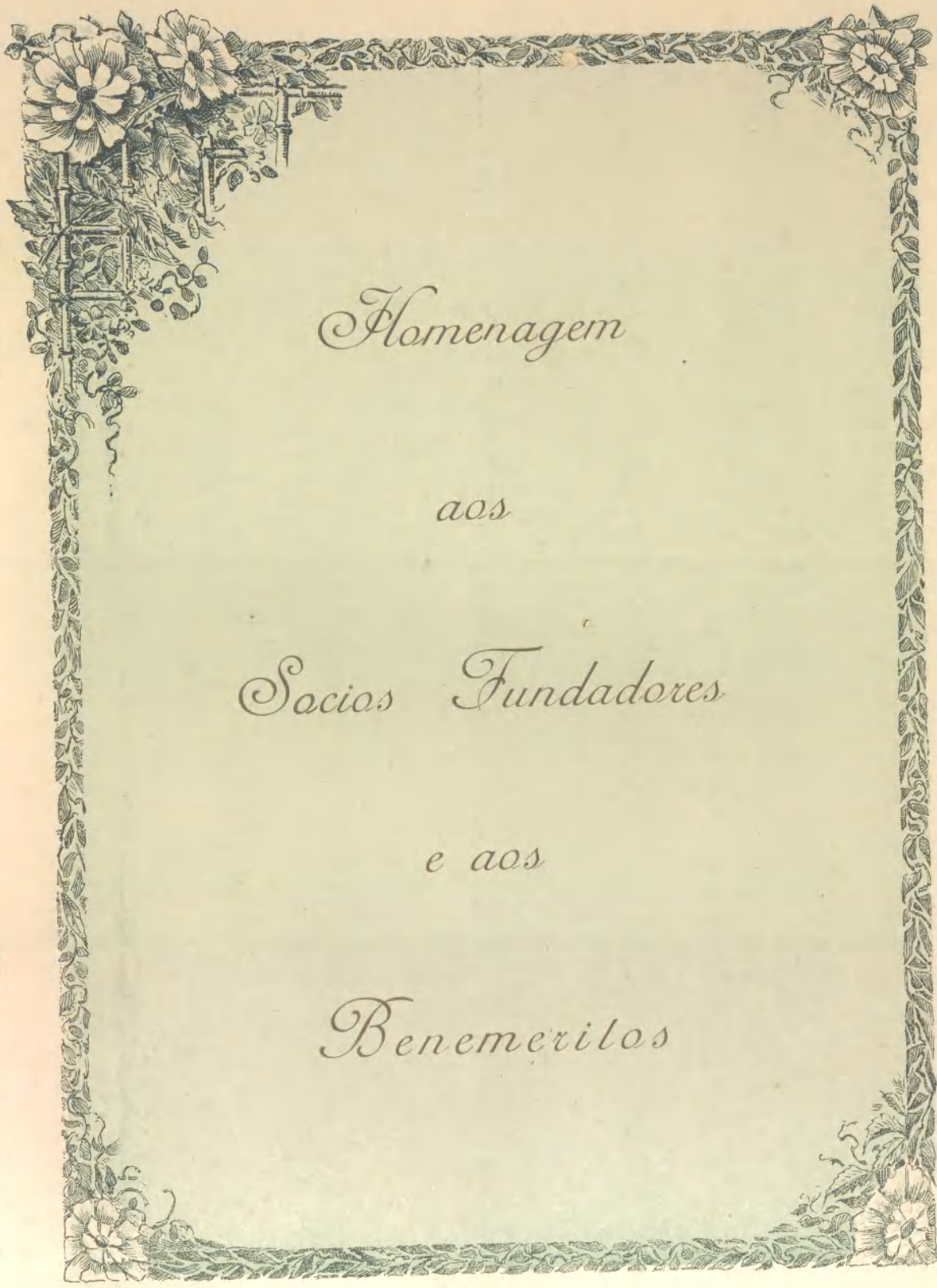
A linotypia não sobrepujará o componedor, jámais: a arte de Gutenberg será eternamente apreciada.

O componedor será sempre o emblema do progresso.

J. F.

*Da Revista «Mar e Terra» de
Outubro a 15 de Novembro de
1913.*





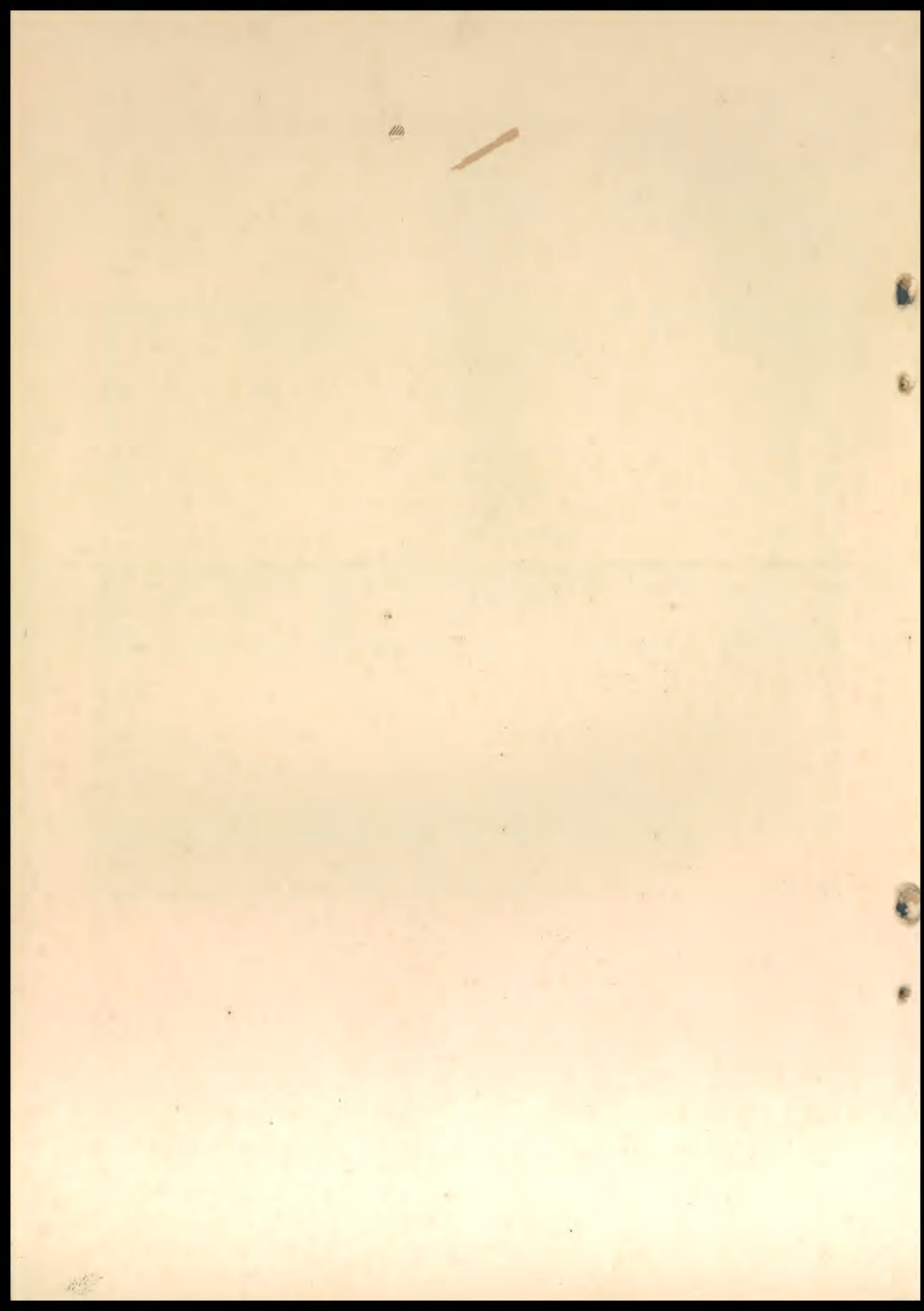
Homenagem

aos

Socios Fundadores

e aos

Benemeritos



Directoria da Associação

Presidente — Tte. Francisco de Paula Gil Junior

Vice-Presidente — Francisco Pedro Velasco

1º Secretario — Coriolano França

2º Secretario — Adolpho Bueno da Silva

Thesoureiro — Tte. José Alves Pereira

Recebedor — Bento Clemente de Figueiredo

CONSELHEIROS

Pedro Celço de Abreu, Francisco de Paula Mattos,
Adelino Gonçalves Pereira, Abelardo de Oliveira Campos, Francisco Coelho Netto, Olivio Augusto Ferreira, Cesar Lemos da Silveira, Arthur Cyrino Rodrigues e Virgilio de Santis.

COMMISSÕES

BENEFICENCIA — José Wenceslau da Silva, José de Oliveira Matta e Ulysses Cruz.

SYNDICANCIA — Antonio Vieira Barreto, Virgilio Gualberto da Silva e Alfredo de Paula.

CONTAS — Lindolpho Garcia da Costa, Celestino Praes e Antonio Borges.

Quadros

A ultima joia! um bello e resplendente pharol, recordação ainda do Encilhamento acaba elle, o pobretão de hoje, de levar ao *prego*, como já levou as demais, á proporção que as coisas se foram apertando, e os resmungos do senhorio e a má cara do vendeiro o amofinaram e vexaram...

Os seus amigos? a essa lembrança, um sorriso amargo, doloroso, lhe esflora os lábios: não os tem mais, foram-se com o dinheiro, gasto ás mancheias, doidamente, em comes e bebes pelos hoteis caros, com raparigas francezas, que o beijavam, torturinando phrases de amor, enquanto elle, bolsista endinheirado, se deixava derreir na cadeira, bebedor de champagne.

Entrava tarde em casa, e achava ainda gente de fóra dansando, tocando piano: que de vezes, teve de pretextar uma enxaqueca para se furtar a apparecer na sala, tresandando a vinho. Morava em Botafogo: predio nobre, jardim á ingleza, chacara extensa ensombrada de mangueiras... Tinha carro ao mez, e ninguem luxava como elle.

Traz agora a roupa sovada, o collarinho esfiapado com uma orla de sujo, as botinas com tombas, o chapéo luzindo de sebo e comprado num algibebe da rua da Carioca... Atravessando a praça, cruza com uma raparigota faceira, que olha para elle indifferente... Conhece-a: é a Plácida, pagou-lhe muita ceia, deu-lhe muitos vestidos... Bestalhão que foi! sorri desconsolado e vae seguindo, ao sol, a mão no bolso a apertar o dinheiro que trouxe do *prego*... Passa ao pé de um kiosque: os bilhetes multicores das loterias enfeitam o vidro; olha, lê os numeros, faz calculos, pensa, e, afinal compra um... Deus é bom! pode tirar a sorte grande... Um conhecido dos tempos aureos... O pobretão decahido baixa a cabeça, faz que não vê, mas o outro chega, batendo-lhe no hombro e:

— Oh! tu por aqui!

Ha *qu'annos* não te vejo!

Estiveste fóra?... O ex-bolsista repara então que o seu conhecido traja mal, tem a camisa suja...

Conversam em tom saudoso e o outro, por ultimo, pede-lhe *uma de cinco*.

E accrescenta:

— Olha! sabes? vim a pé de casa; não deixei vintem!

O decaído nega-se ao empréstimo, que não tem tambem, que, ha um anno e tanto está desempregado, e vae andando, surdo ás lamurias do outro que lhe fuzila um olhar de odio.

No largo vê as filas de carruagens e suspira pelo tempo em que seu *coupé* ao mez estacionava alli tambem... Alguem, do alto de uma boléa, sorri para elle: ah! é o seu antigo cocheiro, sempre barbeado, aprumado na farda.

Cumprimenta-o envergonhado, e estuga o passo para não perder o *cara-dura*, que lhe passa ao pé da porta.

Numa confeitaria vê o commendador Sylvaes: burro e feliz, enriqueceu na Ensilha, mas não ficou com a papelada.

Canalha! finge que não o vê porque elle é um decaído, um pobretão...

— Em casa — porta e janella — numa ruasinha da Cidade Nova, perto de um cortiço, encontra a mulher, esganiçada de trabalhar a praguejar contra a sorte, lavando, a chorar agoniada, uns frangalhos de roupas...

Conta-lhe que trouxe dinheiro, e ella então, limpando os olhos na manga do paletot, toda rasgada, diz-lhe que vá á venda comprar carne secca e feijão, porque não tem nada em casa...

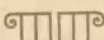
O filhote pallidozinho, magrinho, brinca na saleta sem mobilia, fazendo chapéos armados dos prospectos de uma companhia, com o capital de 10 mil contos e de que foi elle incorporador...

Olha para esses algarismos e fecha-se-lhe a alma ainda em maior tristeza... Lembra-se do bilhete de loteria... qual! não tira um vintem... está sem sorte... nem no bicho consegue uns cinco mil réis!

E sae pensando em ir pedir um logar de conductor de bonde...

Na rua, a silhueta de uma mulher chama-lhe a attenção: passa adeante. E' linda, e olhou para'elle — como lhe doeiu isso — com um olhar de nojo... O infeliz percebe aquelle olhar e diz, entre dentes, um palavrão...

Azevedo Junior



Noite de chuva



A Ataliba Santos



A chuva cahe continuamente...
Chove e venta...
Uma tristeza imensa me assedia!
Que chuva impertinente!
E, agora, sobre a terra lutulenta,
A noite desce fria, muito fria!

Parece a noite um longo véo de viuva
Desdobrado
Na imensidão da altura!
E a chuva
Continuamente cahe sobre o telhado,
O cérebro me abala e me tortura!

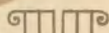
Ao longe, plange o cantochão da magua,
E Olanta impreca pela voz do vento!
Lá fóra,
Em cada gotta d'agua
— Liquefeito lamento —
A alma de Parcifal soluça e chora!

Tento lenir o meu pesar... Espanco-o!
Debalde! Pois, na escuridão sem fim,
Passa o phantasma tetrico de Banquo,
Apostrophando pragas contra mim!

A chuva cahe, a todos os instantes,
Fustigando as ramadas...
Ouço queixas, blasphemias e gemidos
E os gritos lancinantes
Das irmãs de Phaetonte, transformadas
Em alamos doridos!

Emquanto chove, em meditar insisto
E o espirito concentro...
(Que o mundo se esborôe, em rude estrondo!)





Mas, de imprevisto,
Eis que penetra pelo quarto a dentro,
O corvo de Edgard Põe, sinistro e hediondo!

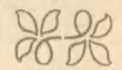
E da amargura o penetrante estoque
Fere-me, entanto, o coração em cheio;
E Aguiar me diz, da treva, num remoque:
— Eis vosso calice de fel... Bebei-o!

Do vento em furia aos rábidos açoites,
O cedro annoso range...
E, em meio do negror que o espaço encerra,
Eu penso, então, que é nessas torvas noites,
Que a Morte, em punho o açacalado alfange,
Passa, ceifando as vidas, pela Terra!

A chuva cahe continuamente... O nível
Dos rios sobe, em proporções estranhas...
E o truculento espirito da tromba,
Fazendo o seu clamor horrível
Ecoar pelas montanhas,
Retumba, estrala, empola-se e ribomba!

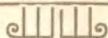
Uma angustia fatal, sem dó, me opprime!
Para vencel-a, em lucta vã, me esforço...
Sinto o pavor de quem commette um crime
E se contorce ás garras do remorso!

E, como si estivesse num presidio,
Cumprindo alguma pena,
Sobre minha alma, meu Deus, ai!
Num doloroso estillicidio,
Uma chuva de sangue, que envenena,
Continuamente cahe!



RAMOS ARANTES

(Socio effectivo)



GUTTENBERG E A ARTE TYPOGRAPHICA

A typographia, esta invenção que nos legou o immortal obreiro de Moguncia, segue a sua marcha gloriosa de ininterruptos aperfeiçamentos. Na rapida successão de seus triumphos, mal pôde o pensamento acompanhá-la, tão brilhantes e perturbadoras são as suas conquistas nos varios ramos em que ella se subdividiu posteriormente.

Falando da typographia, tenho entendido com esta palavra a *impressão com caractères moveis*, pois a arte de estampar «clichés» de madeira era já conhecida e praticada muito anteriormente a Guttenberg. Na sua obra «Le arti graphiche Fotomeccaniche» escreve Pietro Conter:

«L'arti di incidere in legno fin dal XV secolo serviva all'umile ufficio de imprimere carte da giuoco. Le cronache de Germania parlano de stampatori de carte fin dal 1400 e nell'opera de P. Fornari, è detto come in Venezia nel 1441 si concedesse un privilegio, perché, *l'arte de far le carte de zugar e figure depinte, era venuta a total de-*



fection, per le molte que venivano de fuori» —o que prova que a xilographia era já uma industria de regular commercio apesar de imperfeitissima.

A typographia nascente deu, porém, á arte illustrativa estacionaria, o vigoroso impulso de que ella carecia para progredir, e as duas unidas numa admiravel communhão de interesses lançaram, finalmente, com

suas prensas tóscas e os velhos buris inha-beis, já quasi inactivos, a base definitiva de uma industria victoriosa, cuja acção civilizadora dentro em pouco se faria sentir á humanidade avida de luz.

A percepção artistica se refinava dia a dia e a xilographia, que em pouco mais de um lustro tocara quasi o apogeu da perfeição, já não bastava.

O florentino Finiguerra juntou então os seus esforços formando com a calcographia (gravura em cobre) a triade famosa que fez, durante dois seculos, a admiração dos povos da Europa. Viu-se então o melhor do pensamento humano cruzar todos os mares e atravessar todos os continentes.

Entretanto, o progresso humano sacudido do seu marasmo por uma seiva nova e ardente, exigia sempre mais da Arte inextinguivel. Vieram a stereotypia e a lithographia.

A este tempo, machinas de ferro enchiam com o ruido de suas engrenagens as officinas alegres, onde se laborava afanosamente a gloria dos guerreiros, a sciencia dos estudiosos, enfim, toda esta somma de saber que faz o orgulho do homem moderno. A photographia, a gravura chimica e a phototypia vieram successivamente pouco tempo depois, formando ao lado das outras, a mais heroica guarda avançada da civilização contra as incurções da barbaria e da ignorancia.

Teria tido Guttenberg a visão approximada, ao menos, da importancia de sua obra? Não é provavel.

Si se sabe pouco da sua vida, sabe-se ainda menos da sua mentalidade. A mais espessa treva envolve a sua mocidade até os trinta annos mais ou menos.

Vindo de Strasburgo, onde se achava exilado, como crêm alguns de seus historiadores, fez Guttenberg em Mogúncia a primeira impressão typographica conhecida, segundo as ultimas investigações.

Era uma obra em fragmentos, de um grande calendario astronomico.

Impressos pelo inventor, além da anterior conhecem-se mais, DONATUS MINOR, as BIBLIAS de 42 e 36 linhas e o CATHOLICON, obras sobre cuja authenticidade estão os seus historiadores mais ou menos de accordo. Principalmente esta ultima constitue uma obra de inestimavel valor historico, porquanto nella Guttenberg falla pela primeira e ultima vez da sua admiravel invenção.

E' esta a versão castelhana daquellas linhas: — «Con ayuda del Todo-Poderoso, que suelta la lengua á los párvulos y á menudo revela á los pequeños lo que oculta á los hombres de ciencia, fué acabado el «Catholicon», este libro admirable en el año de la Encarnación del Señor, MCCCCXL, en la madre patria Mogúncia, insigne ciudad de Alemania, que Dios en su clemencia se ha dignado hacer la primera y más illustre de las ciudades; y este libro fué terminado sin ayuda de pluma ni estilete, pero por una admirable combinación de caracteres y moldes».

Já nos ultimos annos de uma vida de exhaustivo labor, enganado e espoliado por seu socio Hans Fust, teve ainda Guttenberg a grandeza de animo para reconstruir uma nova officina, onde labutou ainda durante algum tempo.

E o maior bemfeitor da humanidade, o immortal inventor da typographia, passou os seus ultimos dias na mais humilhante obscuridade, recebendo como recompensa dos seus feitos gloriosos um posto modestissimo na corte do Duque Adolpho de Nassau, morrendo pouco depois num tão criminoso abandono que nem a data exacta do seu passamento ficou consignada. Sabe-se sómente que em 1468 já não vivia...

Antonio Borges

[Socio effectivo]

55 ANOS DE LABOR COM MAIS UMA VICTORIA SOCIAL

Passando em revista 25 annos de vida operaria, tive occasião de constatar, quantas vezes a alma dos maiores factores do progresso se fez explodir, tanto por sentimentos de gratidão, como de odios, occasionados, na mór parte das vezes, de actos decorrentes da luta pela vida, das contrariedades, dos desejos incontidos, vendo as suas esperanças, os seus ideaes, desaparecerem, como no occaso, ou seu porvir impedido de proseguimento pelas ambições desairosas e sem precedentes na vida social; mas, nem por isso perduravam esses sentimentos, logo se apagavam com a mesma rapidez com que eram accendidos, porque nos corações humildes não se aninham paixões arraigadas, mórmente quando, deante delles, despontam motivos de jubilo ou de glorificações, como esse, em que, por certo vae sentir a classe typographica do Paiz, ao ter noticia de que irmãos do mesmo *métier*, em épocas remotas, organizaram uma associação, que faz honra ao meio, no qual exerce a sua actividade, entrando ella em breves dias no seu 55º anniversario de laboriosa existencia, consagrada em beneficiar os soffredores, e em prol da defesa dos seus legítimos interesses.

Esse repasso, acima referido, se entendia, porém, simplesmente com a Capital Mineira, pelo que me transportarei á Capital da Bahia, a terra que viu nascer Ruy Barbosa, ardoroso protector dos typographos do seu Estado, de cujas fileiras fazia parte, como associado da «Typographica», desde os tempos da sua mocidade, de

onde se registrou o facto notavel, de ter o maior dos brasileiros, sem preocupações nem velleidades, muitas vezes compartilhado das alegrias daquella agremiação, chegando mesmo, em duas occasiões, a comandar a celebre «Legião da Imprensa», o batalhão cívico dos graphicos.

A «Associação Typographica Bahiana» vae commemorar agora o seu 55º anniversario, todo dedicado aos interesses dos seus conterraneos, que, na capital, se occupam das artes graphicas.

E' extraordinario o grão de prosperidade dessa util instituição, que acaba de, presentemente, crear uma escola publica, com consideravel numero de alumnos e contractada uma reputada professora.

Tem um capital elevadissimo e possue immoveis de real valor.

Além do magnifico predio, assobradado, construido á rua Ferreira França, com salões apropriados para sessões, bibliotheca, escolas, officinas, compartimentos para estabelecimentos commerciaes, commodos de alugueis, conta, nos seus Estatutos, com uma inovação desconhecida dos nossos meios operarios.

Trata-se do immovel no Cemiteria da Quinta dos Lazaros, onde foram adquiridos e construidos diversos jazigos que constituem uma optima fonte de renda para a Associação, onde são sepultados os associados e os membros de suas familias.

A decana de suas congeneres no Paiz, sente-se, agora, presa de enorme jubilo, com a victoria alcançada pela classe typo-

graphica da sua terra — uma das suas maiores laureas!

Os operarios da Imprensa Official do Estado, com mais de 5 annos de casa, ou que venham a completar esse tempo de serviço, são agora, por lei, considerados empregados publicos, para os effeitos de montepio e aposentadoria.

A «Associação Typographica Bahiana», que tanto fez para obtenção desse *desideratum*, acaba de conferir o titulo de socio honorario ao brilhante jornalista e escriptor dr. Carlos Ribeiro, deputado ao Congresso Bahiano, e ao senador dr. Pereira Moacyr, que tomaram a si a defesa, no Parlamento, da justissima aspiração dos empregados da Imprensa Official, como tes-

temunho de reconhecimento e amizade aos abnegados protectores do proletariado.

Mais dois triumphos conta, pois, a gloriosa Associação, a veterana de todas as agremiações graphicas do Brasil, na época em que vae commemorar os seus 55 annos de vida, para a qual muito tem contribuido a intelligencia do seu dedicado e actual presidente, sr. Theodomiro Baptista, emprestando-lhe novo impulso e desenvolvimento aos fins que determinaram a sua criação.

E' digna das melhores homenagens a «Typographica Bahiana», pelos inolvidaveis serviços prestados aos companheiros de jornada.

Pedro Verçosa
(ocio fundador)



DA ARTE DE BEM IMPRIMIR

Um fremito de progresso percorre o campo graphico de todos os paizes. Graças aos ultimos aperfeiçoamentos technicos, sobretudo mecanicos, os toscos caracteres e o rudimentar tórculo de Gutenberg transformaram-se em miraculosos instrumentos de precisão e celeridade.

Sem sombra de duvida, é ainda na Allemanha que a arte de imprimir alcança o seu mais alto e completo desenvolvimento. A sua producção graphica é de execução tão aprimorada, e de tal perfeição de acabamento e gosto, que realmente força á admiração.

Mau grado a careza da mão de obra e das materias primas, a actividade dos editores allemães é intensa, e o nivel esthetico dos volumes que apparecem presentemente, seu aspecto, a qualidade do papel empregado, as tintas, finalmente a encardenação e

o conjuncto da apresentação, ultrapassam o que de melhor até aqui se havia feito. Sobriedade, paginação cuidada, typos de um bello negro, espessos e legiveis, capas de papelão, simples mas esmeradas,—taes são as caracteristicas do livro commum na Allemanha.

Numerosas publicações de luxo e meio luxo attestam a perfeição da industria editora allemã. Não só os livros. As revistas, as illustrações, os catalogos são dum gosto arrojado, ultra-moderno, com ornamentos abstractos ou figurativos, sempre estylisados e mesmo eschematisados, com inegualavel virtuosismo e abundante fantasia. E' de notar-se o interessante renascimento da xilographia, a gravura em madeira, na qual já se destacavam os pintores allemães dos seculos XV e XVI—Lucas Cranach,

Dürer, Holbein—e que os expressionistas fizeram reviver nos nossos dias.

Os francezes se orgulham muito justamente da insuperavel arte, feita de elegancia e bom gosto, de seus afamados typographos e impressores, dessa arte que, segundo as palavras do rei Luiz XII, *«semble estre plus divine que humaine»*.

O prestigio do livro francez é universal. Ocioso se torna gabar-lhe a confecção intelligente e pratica.

A excellencia da industria graphica dos americanos do norte se revela sobretudo no retoque dos originaes photographicos, com especialidade os de reproduções de machinas para catalogos; e sendo o retoque a base de um bom «cliché», comprehende-se facilmente porque taes reproduções resultam impeccaveis.

O que tambem é admiravel na typographia americana é a singeleza dos typos e a feliz harmonia de suas combinações. Porque, realmente, nada mais erroneo do que suppor que a belleza de um trabalho typographico depende principalmente do material ornamental.

Pelo contrario. Da escolha dos typos, da sua justa disposição, da eurythmia dos claros e escuros, depende o bom effeito de qualquer obra.

As vinhetas, adornos e illustrações devem ser empregados com a maior parcimonia. Esse é o segredo dos bons typographos, que procuram obter effeitos decorativos apenas com os caracteres, dispondo-os com senso artistico.

E que dizer da arte typographica no Brasil?

Si exceptuarmos S. Paulo, honrosissima excepção, onde já ha estabelecimentos que se recommendam pelo perfeito conhecimento dos meios technicos, gosto seguro e consciencia profissional; si exceptuarmos Weissflog, Monteiro Lobato, as officinas de obras do «Estado de S. Paulo»,—podemos affirmar que no Brasil ainda nos achamos na infancia da arte dos Didot e de Giambattista Bodoni.

Mas os paulistas têm o artifice italiano e o technico allemão.

O resto do paiz limita-se a fazer magro uso do pouco que nos poude ensinar a

incaracteristica e desnacionalizada arte typographica portugueza.

Para os nossos typographos retardatarios, o cumulo da boniteza ainda é o dessueto e horrendo material *art-nouveau* da Ditta Nebiolo, fundido ha quatro ou cinco lustros.

Pelo geral, nossos trabalhos typographicos são horriveis cacographias de estylos, sem sombra de gosto ou arte. E' corrente o uso, nunca assaz condemnado, de empregar numa mesma pagina ou numa mesma obra caractéres de origens differentes.

Em certa cidade do interior, chegou-se mesmo a imprimir, com lapidar candura, um livro de orações enfeitado de vinhetas *modern-style* e capitulares gothicas. Taes hybridismos de estylo são muitissimo frequentes. E ninguem reclama.

Mas ha peor. Por exemplo: a lamentavel inopia e o condemnavel desleixo com que se imprimem livros de texto para creanças. Nitidez de impressão, qualidade do papel, generos das illustrações e processo adoptado para a sua reprodução, qualidade da tinta, corpo e feitio dos typos, composição, paginação, nada disso tem importancia para os auctores gananciosos. Comtante que o livro seja adoptado...

Dahi resultam essas edições achamboadas, verdadeiros aleijões typographicos, com gravuras de um deploravel mau gosto e de procedencia suspeita.

Haverá ainda quem ignore que o livro escolar deve constituir, sob o duplo ponto de vista da esthetica e da commodidade de leitura, um conjunto de perfeições? E que é necessaria a collaboração harmonica, intelligente, de auctores, editores, typographos e illustradores para conseguir-se esse escopo?

O remedio não depende sómente da educação profissional dos artifices; depende tambem, e simultaneamente, da educação artistica, não já do povo, mas das classes médias e mesmo das superiores, da elevação do seu nivel esthetico, do cultivo do gosto.

Assim, estes exigirão sempre mais, e aquelles darão cada vez melhor.

Eduardo Frielro
(Socio effectivo)

Documento precioso

Como vae longe o dia em que, com outros muitos então collegas, na Imprensa Official, assignei aquella folha de papel almasso, que estava destinada a ser o alicerce basico desse, hoje, monumental edificio que é, incontestavelmente, a «Associação Beneficente Typographica»!

Como vae longe aquelle dia transcorrido, ha 25 annos, e que de emoções sinto revivendo-o na imaginação, entre as brumas da saudade, para escrever, ás pressas, esta pallida chronica, que se destina á polyanthéa commemorativa das «bodas de prata» de nosso benemerito gremio beneficente!

«Recordar é viver», disse alguem; mas eu creio que recordar é soffrer, porque, aos olhares saudosos e nostalgicos da nossa imaginação, o tempo que se foi e não voltará já mais, sempre se nos afigura melhor do que o presente.

Mas, recordemos um pouco desse dia longinquo de 1900.

Era eu, então, typographo ou, por outra, ensaiava os meus primeiros passos nessa arte, menino ainda, em pleno desabrochar da roseira verde das esperanças e das illusões, alli na Imprensa, naquella sala vasta, já chefiada por esse veterano que se chama Americo Gomes de Souza, então auxiliado pelo saudoso «retranca» José Severo de Carvalho, ha muito desertado de entre os vivos.

No vasto salão, onde entravamos ao badalar da sineta, ás Ave-Marias, para mourejar até alta madrugada, não existiam li-

notypos, nem se falava em taes machinas. Enfileiravam-se, alli, os cavalletes com as caixas typographicas, um após outros e, no centro, ficavam a mesa e os marmores da paginação.

A entrada da sala era a mesa do chefe, em torno á qual nos agglomeravamos esperando os originaes que o Americo ia numerando a lapis azul e encarnado, cortando e empilhando a um lado. Havia originaes bons e maos. No primeiro caso, era um «avança» pressuroso de mãos a colher-os. No segundo caso, era um «salve-se quem puder!!»

Recordo-me, por exemplo, de um «boletim commercial» que era, naquelle tempo, o melhor bocado e, por isso, disputavamol-o com soffreguidão, porque era composição feita e todo o trabalho estava em rubricar-lhe os preços. Ao contrario, haviam os «editaes e avisos», massudos, de calligraphia pessima, sem periodos abertos, que eram o espantinho do pessoal...

Distribuidos os originaes, curvos sobre suas caixas de corpo 8, sempre alegres e folgazões, lá estavam: Bernardino Raphael de Lima (o Birro), baixote e envelhecido, a estalar os typos no componidor, puxando fumaças ao seu cachimbinho, não raro a maldizer os revisores que lhe pintalgavam as provas de emendas como si fossem mapas geographicos; Marciano Miranda, despenado e polido, a commentar as aventuras da noite anterior com João Gomes da Silveira, moreno, culto, de excellente

prosa, mais muito inconstante ao trabalho; Americo Lima, sympathico, fallador, mas um *estourado* que, por ser assim, terminou tristemente os seus dias; Manoel Olavo dos Reis (O Taxinho), bonacheirão e pilherico, o maior comico e o maior bohemio da casa; Astolpho Freitas, João Gualberto, Olivio Ferreira Herculano e José Coelho, Olympio Alves Pereira (o major) e tantos outros que seria longo enumerar: alguns ainda vivos, dispersos por este mundo; os demais mortos, ha muito tempo, vivendo, porém, na recordação e na saudade de seus collegas.

Naquella faina de todas as noites, só alta madrugada abalavamos para casa, moídos e famintos para, no dia seguinte, ás 12 horas, voltarmos á Imprensa, afim de distribuir os typos, encher as caixas para os trabalhos da noite.

Foi num daquelles dias que Alcides Ferreira, então typographo tambem, da sala de obras, veio apresentar-me aquella folha de papel para ser assignada, dizendo-me que se destinava á fundação da sociedade beneficente, sobre que o grande jornalista Azevedo Junior bordára illustrada chronica

— «Bohemios» — em seu *Jornal do Povo*, a proposito da penuria em que fallecera João Guilherme de Carvalho, tambem nosso collega.

Assignei o papel como assignava tantas subscrições que, constantemente, percorriam a sala e me eram sempre apresentadas, mas nem de leve me passou pela imaginação adolescente que, daquelle papelucho, surgiria, mais tarde, essa obra monumental, que tanto mais cresce e brilha, quanto mais escôa o tempo — a Associação Beneficente Typographica, que é hoje a maior gloria da classe em todo o Brasil.

Essa folha de papel amarellecida, rustida pelo tempo, alli archivada em nosso predio social, á rua Espirito Santo, precisa ser, portanto, tratada com carinho, conservada com amor, porque é o nosso documento mais precioso e querido, entre quantos existam no nosso archivo — porque é a prova irrefragavel de quanto podem a cohesão e a força de vontade em uma classe, por mais modesta que seja, nos grandes e nobres empreendimentos.

Abilio Barreto

(Socio fundador)



HERÓES DE 1900

Assignaturas dos socios, reproduzidas das bazas da Associação

Antonio Augusto Dues

Alcides Baptista Ferreira

Sygnese de Lana Lins

José Alves Pereira

João Alves Pereira

Alfonso da Costa

João Ferreira de Andrade

Francisco Tortulim

Manoel Sabino Neto

Francisco Alves Pereira

Pedro de Sousa e Silva

João Ferreira de Albuquerque

Gustavo Drey

Antônio Paranhos

Carlos Gleason

Francisco Coelho Netto

Heracleiano Coelho

Olympio Alves Pereira

Romário de Souza

José Carlos de Carvalho

Olívio Augusto Ferreira

Domício de Almeida

Viriano Pereira

João Qualberto

Manoel dos Santos Jorge

Francisco Vitoriano Drey

José de Jesus
 Felício A. Lima
 João de Oliveira Mota
 Affonso Gonçalves
~~João Henrique Gonzaga~~
 Horacio Correa
 Henrique de Lima
 Euzébio Matta
 João Pedro Teixeira
 Paulino Veiga
 Antonio de Paula Martins
 Maurício Bastano
 Francisco de Paal Mattos
 Adílio Brande
 Pedro Alexandrino dos Santos
~~Francisco~~ e comitiva
 Genêro:
 + Affonso de Lima
 Antonio de Paula Lima
 Ad. Veiga
 Matheus Freitas
 Boaventura
 José P. Costa
 Pedro Henrique de Vaz
 Sergentino Fruto
 Americo Olavo Reis
 José Antonio de Carvalho
 Manoel Thomaz Per-

Constantino Cardoso & Paula

Arthur Cyrino Rodrigues

Francisco Pedro Velasco

Eugenio Velasco

João Raimundo de Carvalho

Jerônimo

Emiliano

Cláudio da Silva

Roberto Ernesto Gustavo Senf

Chistoph. Claes

Jose Victor Porruco Lopez

Americo Pinto Castro.

Estanislau

Marciano Pereira de Miranda

Lauro M. de Jesus

Estanislau de Costa Santos

Hosphito Vaz de Brito

Pedro Celso de Castro

Jose Ernesto de Carvalho

Manuel Thomaz Pereira

Pedro de Lima Valente

Sebastião de Sousa

Samuel Augusto David de Góes

Albino Dias

Manuel de Silva Jorge

Francisco Vitorino Dias

Jose Paulino de Miranda

Jacobs Augusto

Pereira Jorge da Cunha

TAÇA

(Inédito)

Mulher, taça de vinho appetecida !
Taça, mulher metamorphoseada !
—A embriaguez de toda a minha vida
Nasceu dos labios da primeira amada.

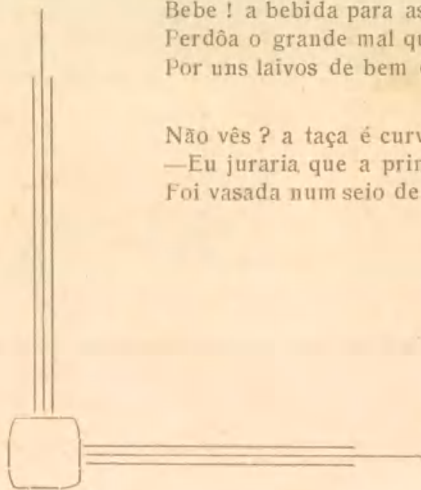
Amigo, ergue o teu copo de bebida;
Bebe, afoga essa magua inveterada
Dentro de um beijo da mulher querida,
Numa taça de vinho perfumada !

Bebe ! a bebida para as maguas veio;
Perdôa o grande mal que ella te faça
Por uns laivos de bem que te fizer !

Não vês ? a taça é curva como um seio !
—Eu juraria que a primeira taça
Foi vasada num seio de mulher...

Octavio de Oliveira

(Sorto effectivo)



Jasper Laban

(AOS TYPOGRAPHOS DA IMPRENSA OFFICIAL).

Depois d'um anno de permanencia na Republica da Liberia, na Costa da Africa, o grapho-linotypista Jasper Laban, negro mes-tiço, de 28 annos d'idade, organiza a sua mala de viagem, toma um vapor no porto da Monrovia e abandona o paiz dos negros libertos, transportando-se aos Estados Unidos e indo perder-se em Raleigh, capital do Estado da Carolina do Norte.

Antes dessa viagem á Africa, Laban trabalhára annos consecutivos como grapho-linotypista em varios paladinos da imprensa diaria estadunidense.

Fôra ás paragens africanas, ao solo, jamais d'antes por seus olhos dominado, dos seus troncos ancestraes paternos, para fazer uma visita ao seu velho progenitor, o septuagenario Laban Congo Tanganyika, a quem tambem levára alguns dollars.

Ação bonita essa de Jasper Laban! Elle quizera arrostar o mar sanhudo e enfrentar as procellas para ir ter se, da outra banda do Atlantico, perto d'esse velhinho com essa relação de parentesco para consigo! Sua mãe, uma guatemalense, fallecera havia 16 annos; seu pae dirigira-se á Africa havia 13 annos. Treze annos havia que Jasper estava só nos Estados Unidos.

Não era um negro. Seria-o, sim, não lhe corresse nos vasos meio sangue branco, da parte de sua mãe.

Com effeito, mesmo nascido na America, resolvera um dia atravessar o Tropicó do Cancer e ir ás longinquas regiões torridas da modesta Republica Africana, na Lat. Sul, pois attrahia-n'o a affinidade paterna.

Nada mais fizera que uma excursão, porquanto, em á Africa chegando, não poude permanecer com o pae mais que um anno, e eis que organiza viagem e volta para os Es-

tados Unidos, como dissemos ha pouco, dando-se isso justamente quando *Tio Sam* auscultava a grande guerra em meio e quando a personificação do Rei do Aço, qual mavorciana figura, se dedicava com afan ao fabrico dos instrumentos destinados á eliminação da humanidade de sobre o globo.

No dia da volta para a America, a despedida na casa paterna consistiu n'isso: o filho beijou o pae na testa e abraçou-o; este olha aquelle fixamente. Nem uma palavra! Só os olhos d'ambos, rasos d'agua, agua que vesica, agua que congestiona as palpebras, é que falam muito!

A emoção pela perspectiva lancinante d'uma ausencia cujo prazo não se podia estimar, trouxera-lhes a inibição da palavra falada!

Era a hora do aspecto emotivo puro.

Depois, emquanto poude divisar, da estrada, por onde ia, o vulto distante do pae, que ficava, conveio a Jasper voltar a face para o lado onde aquelle permanecia, em apparencia, estatico; mas, em verdade, valedinario e plangente!

Oh! sim, valia a pena!

E que bom que se revelava esse Jasper Laban! Elle voltava o seu olhar, como que s'enamorando d'aquelle velhinho, que trazia na face—a côr do azeviche; e no coração—a alvura da bondade! que, já nas vicissitudes da vida; já em vista da distancia que os ia separar; já aos embates da inopia — que affectava o pae e o filho — poderia passar a este por um forasteiro; mas que, encarado sob o ponto de vista dos reflexos da psycho-analyse, ao contrario—era o seu pae!

Na falta, nessa occasião, d'um logar de linotypista, obteve um emprego de servente

numa purificação de ferro e manganéz de Raleigh, e passou logo a mostrar sua actividade naquella casa de trabalho.

Comprava constantemente os seus livros e estudava nas horas de descanso.

No seu papel de servente, cada vez mais activo se revelava em diversas experiencias chimico-industriaes. Foi, em breve, talvez em recompensa da sua actividade, elevado a almoxarife e zelador d'um grande deposito de materiaes, reactivos chimicos e outros productos.

O dr. Clemente, principal accionista da empresa, foi surprehender a Laban, num dia de descanso, no compartimento do deposito já referido, a folhear um volume de MOISSAN, e a estudar os saes duplos e de formula complicadissima, ficando admiradissimo de vêr a attenção que elle dispensava áquelle affazer intellectual, justamente quando, bem talvez, a grande maioria do pessoal d'aquella casa de trabalho estivesse a saborear meia *pale-ale*, ou *some wine*, a folgar no *sport*, *divertingness* e *baccarat*, e dizendo-lhe:

—What do you do, Laban?

—I am study a little, sir, respondeu Laban.

—Yes, all right.

O sr. Thomaz Fernandez, mexicano naturalizado nos E. Unidos, e qualquer cusa nessa casa, é que, por ser notorio negrophobo ferrenho, jamais apreciava a intelligente e activa conducta de Jasper alli, pelo que lançava mão sempre de perseguições contra o mulato, tudo com o fito de pô-lo na rua, si bem que, para isso, lhe faltasse toda a necessaria influencia d'auctoridade. E a esse estado de cousas, deve-se acrescentar uma circumstancia que teve por fim aggravar, cada vez mais, a attitude d'hostilidade de Thomaz para com Laban: é que, estando aquelle, um dia, a fazer um calculo, para fins industriaes, de quanto seria, em pressão e temperatura dadas, o volume d'um outro d'oxygenio, a 0°, cahiu em erro e disse para o dr. Clemente:

—Dr., são 200 e poucos litros.

Jasper, que ouvira tudo, e que encontrava facilidades para resolver esses calculos, interveiu:

—«São 350 litros», dizendo assim para o operador.

Thomaz bufou de raiva, e respondeu:

—Quem chamou o sr. aqui, intruso?

E, desse dia em diante, ficou mesmo mal com Jasper, contra o qual as injustiças se recrudesçam, dirigidas da parte de Thomaz: Ora, denuncias, baseadas em motivos futeis; ora, diminuição de vencimentos, augmento de trabalho, e tratamento insolito e insolente *coram populo*. Laban passava o seu *dies iræ*.

O typo rancoroso de Thomaz, procurando, por qualquer meio, prejudicar a Laban, um dia usou para com este d'um pretexto tão grave (imputou-lhe calumniosamente um furto), para ver si lhe *amarrava a lata*, que Jasper, grandemente offendido em sua moral, mas resignado, parecendo ter premeditado uma vingança, disse:

—O sr. me calunha, mas ha de vêr...

—Retira-te, disse Thomaz, de meus pés! Não tenho medo de tua magia negra, ouviu, biltre?

E esse facto foi bastante escandaloso.

Passaram-se alguns dias sem que se vissem Thomaz e Laban—já porque aquelle tivesse sido atacado d'uma gripe, já porque este vivesse evitando um encontro com semelhante inimigo—quando os dois se encontram num corredor da casa, tratando logo Thomaz d'insultar o rapaz:

—Hottentote, longe de mim, safá!

Laban voltou como uma setta para o seu compartimento, contiguo ao de Thomaz. Quem o ouvisse—só perceberia uma resmungação rancorosa, e quem o visse—notaria em seus passos um andar resolutivo, uma decisão, uma decisão de quem tem a intenção d'executar um plano organizado adrede.

Era conduzido por uma associação d'idéas nem inteiramente consciétes—*instincto*; nem inteiramente inconsciétes—*razão*.

O sr. Thomaz assentou-se, poucos minutos depois, em sua sala de trabalho. Uma hora depois, quando já tinha bem adeantado um trabalho d'apontamentos, friccionou a testa, correu a vista pelo salão, accendeu um cigarro, com poucas succões atirou-o para o vaso, e levantou-se, falando para alguns subordinados que estavam proximos:

—Ms. Moore, dize ao dr. Clemente que fui atacado de forte dôr de cabeça e por isso me retirei. *Good bye*.

Alguns tempo depois, comparece na sala o sr. Thomaz, e pergunta a Ms. Moore:

—Falaste ao dr.?

—O dr. ainda não veio...

—Bem. Depois que me retirei fiquei bom do incommodo, por isso, voltei.

Mais tarde, levanta-se novamente o sr. Thomaz, meio atordoado, e torna a deixar com Ms. Moore o recado para o dr. Clemente. Tinha sido outra vez atacado da dor de cabeça.

Os srs. Moore, John e outros, que estavam sendo testemunhas do que se dava com o sr. Thomaz, commentavam o facto, dizendo:

—Ms. Thomaz está hoje incommodado.

—O mulato Jasper está *bicho* com elle... Prometteu-lhe desforra...

—Terá esse *republicano* da Liberia vindo da Monrovia preparado no *cangere*?

Pela terceira vez, nesse dia, entra na sala o sr. Thomaz, e agora, como que tomado d'espanto, d'horror, e chamando a Ms. Moore, dizendo-lhe:

—Viste que, por duas vezes, tive que me retirar da sala?

—Sim.

—Penso que esteja succedendo-se comigo cousa extraordinaria: logo que me assento para trabalhar, sou atacado de dôr de cabeça; mas, logo tambem que me retiro da sala — vejo-me perfeitamente são. Nunca me aconteceu isto aqui... Não achas extraordinario?

—...

O sr. Thomaz tinha o grave defeito de ser supersticioso. Por esse motivo, já elle estava mesmo apprehensivo.

—Creio, Ms. Moore, que isto seja obra do negro Jasper Laban.

Ms. Moore, que já ouvira referencias ao caso, mostrou-se propenso a acceitar.

—Ainda hoje, continuou Thomaz, dei-lhe pontapés num dos corredores da casa. (Pausa). Ms. Moore, has de assentar-te um pouco na minha cadeira, para eu ver si sentes alguma cousa.

—Ms. Thomaz! — Gritou horrorizado Moore — e si o feitiço passa para mim?

Titubeou o sr. Thomaz com a objecção do sr. Moore, mas, pensando, disse:

—Talvez não tenha grande perigo. Ms. Moore, assenta-te um pouco...

Tiritando de medo, com olhos esgazeados, o sr. Moore foi-se assentando de leve, circumspecto, como si estivesse enxergando perigo imminente. Uma pequena mosca assentou-lhe no pescoço e Moore, estupefacto, dá um salto, levando a mão ao lugar e dizendo:

—Ha mesmo alguma cousa aqui!

—Que viste? perguntou Thomaz.

—Qualquer cousa me tocou no pescoço!

—E' mosca. Isto de nada vale, Ms. Moore. Santo nome do diabo! E's medroso por demais... Assenta-te outra vez...

O sr. Moore, envergonhado, tornou a assentar-se. Nada soffreu durante quasi uma hora e levantou-se.

Continuava, entretanto, o sr. Thomaz ainda amedrontado, mesmo com o resultado d'essa experiencia.

Pudera! O engenho alli estava, sem que elle o soubesse, prompto a entrar em scena, para atacal-o, e apenas a elle! Era só elle entrar na sala, da qual, durante toda a experiencia, se tinha deixado ficar fóra, para ver-se na dança.

Pois o sr. Thomaz resolveu entrar para o trabalho, e, d'ahi a algum tempo, foi atacado da cephalaria.

Ficou gelido! de medo da magia, medo que se apoderava do homem! Mandou chamar o dr. Clemente, e, previamente, informal-o do que occorria.

Justamente nesse dia é que o dr. Clemente parecia não pretender vir á casa de trabalho industrial. Porém, tendo sido chamado, compareceu o presidente da sociedade anonyma, poucos minutos depois.

O dr. Clemente, que era medico, sendo incapaz d'avancar em falso, perguntou a Thomaz:

—Percebeste algum cheiro?

—Não.

—Nenhum?

—Nenhum.

—Viste alguma cousa?

—Nada.

—Si não se trata, disse o dr., d'algun gaz, d'algunha substancia deleteria, cujo foco esteja por baixo do soalho, ou alhures, teremos então que procurar a causa...

—Dr, disse impetuosamente Thomaz, magia negra, magia negra...

—Não falemos nisso, Ms. Thomaz. Assenta-se, e quando voltar a dor de cabeça, levante-se que eu me assentarei para ver.

O sr. Thomaz assentou-se, sentiu mais tarde a dor de cabeça e levantou-se. O dr. Clemente assentou-se na mesma cadeira de Thomaz. D'ahi a pouco foi tambem atacado da cephalaria indefectivel.

Levantou-se o dr., dispensou os auxiliares de Thomaz, que se achavam mais ou menos contiguos ao salão d'este, e chamou uma turma d'operarios para arrancar o soalho, afim de, por baixo d'elle, fazer-se um exame meticoloso.

Nada se encontrou que pudesse ter relação com o caso. Mesmo assim, fez-se ali limpeza e desinfecção cuidadas, por ordem do dr. Clemente.

No dia seguinte, o dr. Clemente, tendo chegado cedo, compareceu na sala do sr. Thomaz, e nada sentiu. Acreditou na desinfecção feita no dia da vespera. Mas o mal ali estava, ainda, não no soalho, mas no mesmo ponto d'origem, ponto ignorado. A sua permanencia será confirmada logo que o alvo fatal, o sr. Thomaz, se apresentar. A mão do mal só trabalhava para atacar o Sr. Thomaz, e, para comproval-o, vejamos. Chegou o Sr. Thomaz:

—Então, dr...

—Sim. Já estive por aqui por muito tempo. Nada senti. Parece-me que agora não ha nada...

Assentou-se a victima daquelle trabalho aparentemente magista, e, mais tarde, é elle, o sr. Thomaz, atacado de forte cephalaria!

O dr. Clemente reflectiu por longo tempo, andou pelo salão meditando, e delibe-

rou, mostrando-se satisfeito por isto, mandar mudar a escrivaninha do sr. Thomaz para o lado opposto do salão.

Fez-se a mudança, e nada mais sentiu o sr. Thomaz, nos dias que se iam succedendo após a mudança.

Veiu a convicção para o dr. Clemente de que um elemento deleterio se achava no local primitivo da escrivaninha, e, d'ahi, novas buscas, novas pesquisas, e é escusado dizer que esse trabalho foi debalde. Tudo alli era normal. Nenhuma novidade se podia alli encontrar.

Tornou-se para o dr. Clemente o sr. Thomaz:

—E' *magia negra*, dr. Vê o sr. que o lugar onde eu era alvo é o primitivo da escrivaninha. Agora, que de lá a retirámos, o *maleficio* estará talvez errando pelo espaço...

—Não falemos nisso, Ms. Thomaz. Eu lhe garanto que resolverei essa questão pelos meios scientificos.

A essa promessa do medico o sr. Thomaz respondeu com um *ricтус* incredulo.

Oito dias depois, entra para o trabalho o sr. Thomaz, e mais tarde sente-se atacado da terrivel cephalalgia. Abandonou o gabinete e, horrorizado, ululante, procurou o dr. Clemente:

—Dr., lá está, na minha sala de trabalho, o *espírito* malfeytor. O sr. não acredita, mas é o que lhe digo.

—Ms. Thomaz, ha aqui só superstição. Quer saber que é que lhe faz mal?

—Sim.

—Oxydo carbonico, talvez acompanhado de gaz carbonico, etc.

—Faz mal a mim só?

—Sim. Pois si isto fôr, como penso, uma machinação engendrada para atacar apenas o sr., é certo que só o sr. soffrerá o seu effeito. Mas isso não é justo, é até perigosissimo e eu estou procurando descobrir a sua organização toda.

Sim! Na verdade, o medico organsinára os factos observados num estudo symptomatologico perfeito, e chegára mesmo ao conhecimento da etiologia daquella phenomenologia abracadabrante, mas humana, e taxada por Thomaz de *goetia*, como se fôra elaborada no *Bricken*, na *noite de Santa Walpurgis*; durante a *missa negra*; nas *sessões do sabbat*, ás dansas de facas de ponta, ás borras de café, aos sapos estripados, aos uivos do xofrango; ou, enfim, sob o dominio d'um Pandemonio, custodiado por Cerbero, o cão tricephalo; e só attingido por Caronte, o barqueiro dos vintens do rio Estygio.

—Pois o dr. não descobre nada, disse Thomaz, tomado d'acesso nervoso, o olhar faiscante d'odio. Hoje me retiro da casa, senão estarei liquidado em breve.

—Ms. Thomaz...

—Dr., é o que lhe digo. Não continúo mesmo na casa. Ainda hontem me affirmaram que isto commigo é mesmo *coisa posta*...

O dr. Clemente retirou-se apressadamente, abandonando aquelle conjuncto d'asneiras, e, enquanto Thomaz se despedia da casa, elle se dirigia ao compartimento de materiaes por que era responsavel o mulato Jasper. Ahi encontrou este consultando a sua bibliotheca chimica e manejando substancias d'embatucar a qualquer de pouca profundeza, e disse-lhe d'um modo ironico:

—Jasper. Ha muito, tenho percebido que és uma capacidade pouco aproveitada.

Jasper, que, numa nevrose de genio, organizára uma bibliotheca e se instruiu, d'um modo admiravel, sem recursos e sem auxilios, mas que, numa psychose hedionda, numa pyrexia de vingança, engendrara á socapa um aparelho horrendo para fulminar o sr. Thomaz, desconcertou-se todo e teria tomado a tangente, si na sua frente não se encontrasse o typo perfeito do dr. Clemente.

—Eu só quero, continuou o dr., ter confirmados os meus calculos, e prometto que em nada te prejudicarei. O sr. Thomaz é constantemente atacado, em seu gabinete, de forte cephalalgia. Qual o motivo d'essa cephalalgia? O sr. Thomaz já se retirou da casa. E' homem supersticioso e sem educação scientifica. Elle acreditava que lhe estava applicando a *sciencia magica*. Eu, com elle, acredito que lhe applicavas, porém, não a *sciencia magica*, mas a *sciencia toxicologica*. Agora, dize-me: qual o motivo d'essa cephalalgia? como preparavas esse veneno, que, sem duvida, o é? por que meio o conduziás até elle?

—O dr. não ignora, respondeu Jasper, a má vontade com que me tratava na casa o sr. Thomaz. Os epithetos mais grosseiros me eram offerecidos por elle. Eu quiz provar-lhe alguma capacidade minha fazendo-o ver que estava enganado, como fiz, pois pul-o na maior confusão. Eu poderia dizer-lhe, enfim, *et nunc erudimini*.

—Dr., eu produzia sempre era o oxydo de carbono, pelo processo bem conhecido nos laboratorios: eu lançava mão dos ácidos oxalico e sulfurico, e collocavo-os neste vaso (mostrando), que pôde ser ligado, sempre que se queira, a este tubo. De maneira que, por meio deste tubo, todo encaixado da parede, e que vae abrir-se num orificio bem difficil de ver-se, proximo da escrivaninha do sr. Thomaz, no seu gabinete, eu impillo, á vontade, o gaz, que lhe vae fazer mal. Faço do gaz o affluxo e o reffluxo á vontade.

— Eu já sabia disto, tendo custado a descobri-lo, e só o fiz ainda raciocionalmente, disse o dr. Clemente.

— Eu, pois, tive que encaixar o tubo, conductor desse gaz e de gaz carbonico, que não deixa de existir tambem, na parede, cimentar esta e collocar lhe papel, e este trabalho foi executado duas vezes, tendo sido a segunda vez quando se mudou a escrivaninha do sr. Thomaz para o outro lado do salão.

Havia duas circumstancias que tinham por fim attenuar a situação critica de Laban, nessa conjuntura: Por um lado, era a sua capacidade, muito conhecida do dr. Clemente que, por vezes, a experimentára em trabalhos para a casa; por outro lado, era a má recommendação do sr. Thomaz para com o dr. Clemente, com quem já tinha tido varios desaguidos.

A resposta do dr. foi a seguinte:

— Não fizeste bem com a experiencia, porque o homem poderia ter morrido e,

mais cedo ou mais tarde, terias que responder pela tua invenção quasi satanica. Mas, por outro lado, sei que foste aqui victima da má vontade de Thomaz, o que foi a causa do teu apparelho diabolico. Bem. Daqui por deante applica-te ao estudo, que é com elle que podemos fazer progredir as nossas industrias. *Good bye.*

Mais alguns dias, Jasper melhora d'emprego na casa. E, mais alguns mezes, contava, na Iron and Manganese Purification Co., com o vencimento de 500 dollars mensaes, tal era o trabalho que elle prestava.

Jasper Laban, o ex-typographo-linotypista, preparava-se agora para enfrentar novamente o cão tridente: pretendia ir outra vez, dentro de poucos dias, a Monrovia, afim de trazer para a sua companhia, para dedicar-lhe os desvelos de filho carinhoso, o velhinho septuagenario, seu pae, Laban Tanganyika.

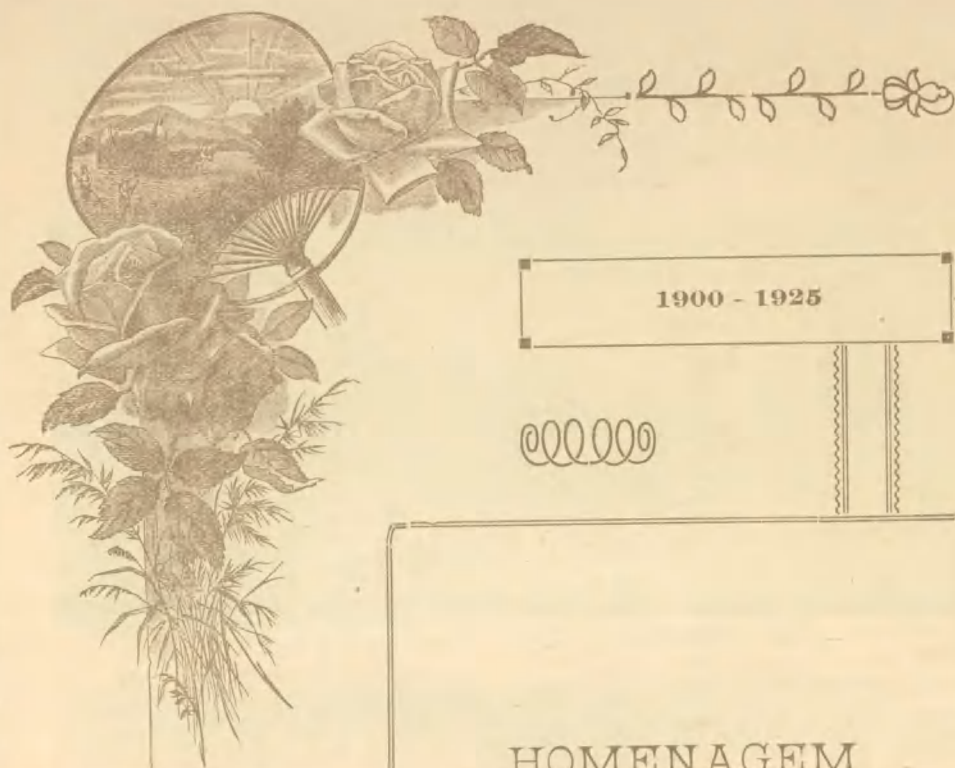
PEDRO PINTO

Socio effectivo

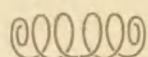


COMMISSÃO ENCARREGADA DE ORGANIZAR A PRESENTE REVISTA COMMEMORATIVA:

MOACYR ASSIS ANDRADE,
DR. ARISTIDES ALVES PEREIRA, ABILIO
BARRETO, EDUARDO FRIEIRO
E SAMUEL LIMA



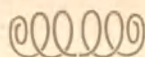
1900 - 1925



HOMENAGEM

AOS

SOCIOS EFFECTIVOS





SÉDE DA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE TYPOGRAPHICA



A actual directoria, composta dos srs: José Alves Pereira, Thesoureiro; Francisco de Paula Gil Junior, Presidente; Francisco Velasco, Vice-Presidente; Coriolano França, 1º Secretario; Adolpho Bueno da Silva, 2º Secretario, e Bento Clemente de Figueiredo, Recebedor

DIRECTORIAS

Desde a fundação da Associação Beneficente Typographica, foram successivamente eleitas as directorias seguintes:

- 1ª directoria, eleita em 24 de maio de 1900: — Antonio Augusto das Dores, presidente; Joviano Fernandes, vice-presidente; Eugenio Velasco, 1º secretario; Eduardo Costa, 2º secretario; Francisco de Paula Tertuliano, thesoureiro, e Francisco Coelho Netto, procurador.
- 2ª directoria, eleita em 25 de dezembro de 1900. — Lauro Jacques, presidente; Synesio Lima, vice-presidente; Joviano Fernandes, thesoureiro; José Alves Pereira 1º secretario; Pedro Alonso de Verçosa, 2º secretario e Francisco Alves Pereira, procurador.
- 3ª directoria, eleita em 13 de outubro de 1901: — Lauro Jacques, presidente (reeleito); Synesio Lima vice-presidente, (reeleito); Alcides Baptista Ferreira, 1º secretario; Turiano Pereira, 2º secretario; Florencio Jorge do Carmo, thesoureiro, e Francisco Alves Pereira, procurador (reeleito).
- 4ª directoria, eleita em 12 de outubro de 1902: — José Alves Pereira, presidente; Americo Gomes de Souza, vice-presidente; Pedro Alonso de Verçosa, 1º secreta-

rio, Francisco Coelho Netto, 2º secretario; Florencio Jorge do Carmo, thesoureiro (reeleito) e Vicente de Paula Medeiros, procurador.

- 5ª directoria, eleita em 11 de outubro de 1903: — Alcides Baptista Ferreira, presidente; José Alves Pereira, vice-presidente; Pedro Alonso de Verçosa, 1º secretario (reeleito), Marciano Miranda, 2º secretario; Florencio Jorge do Carmo, thesoureiro (reeleito) e Vicente de Paula Medeiros, procurador, reeleito.
- 6ª directoria, eleita em 4 de dezembro de 1904: — Alcides Baptista Ferreira, presidente (reeleito); Eugenio do Carmo Velasco, vice-presidente; Francisco Daniel da Rocha, 1º secretario; Abilio Barreto, 2º secretario; João Ferreira de Andrade, thesoureiro, e Francisco de Paula Mattos, procurador.
- 7ª Directoria, eleita em 3 de dezembro de 1905: — Alcides Baptista Ferreira, presidente, (reeleito); Eugenio do Carmo Velasco, vice-presidente, (reeleito); Pedro Alonso de Verçosa, 1º secretario; Vicente de Paula Medeiros, 2º secretario; João Ferreira de Andrade, thesoureiro (reeleito), e Lindolpho Garcia, procurador.

- 8ª directoria, eleita em 6 de dezembro de 1906: — Lauro Jacques, presidente; Pedro Alonso de Verçosa, vice-presidente; Francisco Tiburcio de Oliveira, 1º secretário; Abílio Vieira Barreto, 2º secretário; João Ferreira de Andrade, thesoureiro (reeleito), e Pedro Celso de Abreu, procurador.
- 9ª directoria, eleita em 1º de dezembro de 1907: — Eugenio do Carmo Velasco, presidente; José Alves Pereira, vice-presidente; José Possidonio dos Santos, 1º secretário; Francisco Alves Pereira, 2º secretário; João Ferreira de Andrade, thesoureiro (reeleito), e Pedro Celso de Abreu, procurador (reeleito).
- 10ª directoria, eleita em 6 de dezembro de 1908: — José Alves Pereira, presidente; Americo Gomes de Sousa, vice-presidente; Pedro Alonso de Verçosa, 1º secretário; José Candido de Oliveira, 2º secretário; João Ferreira de Andrade, thesoureiro (reeleito), e Pedro Celso de Abreu, procurador (reeleito).
- 11ª directoria eleita em 5 de dezembro de 1909: — Americo Gomes de Sousa, presidente; Abílio Vieira Barreto, vice-presidente, (reeleito); Pedro Alonso de Verçosa, 1º secretário (reeleito); Francisco de Paula Gil Junior, 2º secretário; João Ferreira de Andrade, thesoureiro (reeleito), Pedro Celso de Abreu, procurador (reeleito).
- 12ª directoria, eleita em 4 de dezembro de 1910: — Americo Gomes de Sousa, presidente (reeleito); Augusto Beraldo Nunan, vice-presidente; Francisco de Paula Gil Junior, 1º secretário; Antonio Pedro de Medeiros, 2º secretário; João Ferreira de Andrade, thesoureiro (reeleito), e João Tito de Oliveira, procurador.
- 13ª directoria, eleita em 3 de dezembro de 1911: — Synesio de Sousa Lima, presidente; Francisco de Paula Gil Junior, vice-presidente; Francisco Velasco, 1º secretário; Lindolpho Garcia, 2º secretário; João Ferreira de Andrade, thesoureiro (reeleito), e Adamastor Barreto, procurador.
- 14ª directoria, eleita em 2 de dezembro de 1912: — Abílio Barreto, presidente; Eugenio Velasco, vice-presidente, João de Assis Martins, 1º secretário; Zeno Pereira, 2º secretário; João Andrade, thesoureiro (reeleito), e Arthur Cyrino, recebedor.
- 15ª directoria, eleita em 1º de dezembro de 1913: — Joaquim Alves Pereira, presidente; Eduardo Costa Santos, vice-presidente; João de Assis Martins, 1º secretário, (reeleito); Eduardo Frieiro, 2º secretário; João Andrade, thesoureiro (reeleito), e José Vaz de Mello, recebedor.
- 16ª directoria, eleita em 6 de dezembro de 1914: — Joaquim Alves Pereira, presidente (reeleito); Eduardo da Costa Santos, vice-presidente (reeleito); Pedro Verçosa, 1º secretário; Eduardo Frieiro, 2º secretário (reeleito); João Andrade, thesoureiro (reeleito), e José Vaz de Mello, recebedor (reeleito).
- 17ª directoria, eleita em 5 de dezembro de 1915: — Americo Gomes de Souza, presidente, Francisco Alves Pereira, vice-presidente; Pedro Verçosa, 1º secretário (reeleito); Eduardo Frieiro, 2º secretário (reeleito); João Andrade, thesoureiro (reeleito), e José Vaz de Mello, recebedor (reeleito).
- 18ª directoria eleita em 4 de dezembro de 1916: — Eduardo da Costa San-

tos, presidente; José Possidonio, vice-presidente; Lindolpho Garcia, 1º secretário; Euzébio Cavalière, 2º secretário; João Andrade, thesoureiro (reeleito) Mario Versiani, recebedor.

16ª directoria, eleita em 3 de dezembro de 1917:—Francisco de Paula Gil Junior, presidente; Antonio Medeiros, vice-presidente; Samuel Lima, 1º secretário; Euzébio Cavalière, 2º secretário (reeleito); José Alves Pereira, thesoureiro; Modesto Quites, recebedor.

20ª directoria, eleita em 2 de dezembro de 1918:—Francisco de Paula Gil Junior, presidente (reeleito) Antonio Medeiros, vice-presidente (reeleito); Samuel Lima, 1º secretário (reeleito); Arthur Pinto, 2º secretário; José Alves Pereira, thesoureiro, (reeleito); José Augusto de Oliveira, recebedor.

21ª directoria, eleita em 7 de dezembro de 1919:—Pedro Verçosa, presidente; Zeno Pereira, vice-presidente; Lindolpho Garcia, 1º secretário; Francisco Netto, 2º secretário; José Alves Pereira, thesoureiro (reeleito), e Antonio Miranda, recebedor.

22ª directoria, eleita em 12 de dezembro de 1920:—Pedro Verçosa, presidente, (reeleito); Pedro Celso de Abreu, vice-presidente; Lindolpho Garcia da Costa, 1º secretário (reeleito); Francisco Coelho Netto, 2º secretário, (reeleito); José Alves Pereira, thesoureiro (reeleito); Antonio

Paula Miranda, recebedor (reeleito).

23ª directoria, eleita em 11 de dezembro de 1921:—Pedro Celso de Abreu, presidente; Francisco Velasco, vice-presidente, (reeleito); Lindolpho Garcia da Costa, 1º secretário (reeleito); Astrolindo Rodrigues, 2º secretário; José Alves pereira, thesoureiro (reeleito); Bento Clemente de Figueiredo, recebedor.

24ª directoria, eleita em 10 de dezembro de 1922:—Francisco de Paula Gil Junior, presidente; Francisco Velasco vice-presidente; Pedro Verçosa, 1º secretário; Astrolindo Rodrigues, 2º secretário, (reeleito); José Alves Pereira, thesoureiro, (reeleito) e Bento Clemente de Figueiredo, recebedor (reeleito).

25ª directoria, eleita em 9 de dezembro de 1923:—Francisco de Paula Gil Junior, presidente, (reeleito); Francisco Velasco, vice-presidente (reeleito); Astrolindo Rodrigues, 1º secretário; Coriolano França, 2º secretário; José Alves Pereira, thesoureiro (reeleito); Bento Clemente de Figueiredo, recebedor, (reeleito).

26ª directoria, eleita em 14 de dezembro de 1924:—Francisco de Paula Gil Junior, presidente (reeleito); Francisco Velasco, vice-presidente, (reeleito); Coriolano França, 1º secretário; Adolpho Bueno, 2º secretário; José Alves Pereira, thesoureiro, (reeleito) e Bento Clemente de Figueiredo, recebedor (reeleito).



PRESIDENTES DA ASSOCIAÇÃO

A directoria de 1924 dando fiel desempenho a uma resolução do Conselho Deliberativo, inaugurou em Janeiro, em uma sessão magna da Assembléa, a Galeria dos Presidentes que vêm dirigindo a Associação desde a sua fundação, na ordem seguinte :

Antonio Augusto das Dores—1900.

Lauro Jacques—1901—1902—1907.

José Alves Pereira—1903—1909.

*Alcides Baptista—1904—1905—
1906.*

Eugenio Velasco—1908.

*Americo Gomes de Souza—1910—
1911—1916.*

Synesio de Souza Lima—1912.

*Francisco de Paula Gil Junior—
1912—1918—1919—1923—
1924—1925.*

Abilio Barreto—1913.

*Joaquim Alves Pereira—1914—
1915.*

Eduardo Costa Santos—1917.

Pedro Verçosa—1920—1921.

*Pedro Celso de Abreu—1921—
1922.*

Foi orador official o nosso illustre consocio Pedro Alonso de Verçosa, que produziu brilhante oração, dando a biographia social de cada um dos homenageados.



NOMINATA E CATEGORIA DOS SOCIOS

EM 1925

Abelardo de Oliveira Campos.	Effectivo	Camillo Ribeiro.....	Effectivo
Abilio Vieira Barreto.....	Fundador	Candido Machado.....	»
Adamastor B. de O. Braga.....	Effectivo	Celestino Praes.....	»
Adelino Gonçalves Pereira.....	»	Cesar Silveira.....	»
Adolpho Bueno da Silva.....	»	Christiano Pires Camargo.....	»
Agenor Alves Pereira.....	»	Cicero Martins Ramos.....	»
Alcides B. Ferreira, dr. (Remido).	Fundador	Coriolano França.....	»
Alcides Paula da Conceição.....	Effectivo	Demosthenes Alves Pereira.....	»
Alcindo de Jesus.....	»	Devanir de Lima Gil.....	»
Alberto Gualberto.....	»	Dolor Dias Ribeiro.....	»
Alberto do Espirito Santo.....	Pensionista	Edson Rangel.....	»
Alfredo de Menezes.....	Effectivo	Edeltrudo Mascarenhas.....	»
Alfredo Coelho.....	»	Eduardo da Costa Santos.....	Fundador
Alfredo de Paula.....	»	Eduardo Frieiro.....	Effectivo
Alvaro Astolpho da Silveira, dr.	Benemerito	Eduardo A. Moreira.....	»
Alvaro Arieira.....	Effectivo	Eduardo Cendon.....	»
Alvaro Mattos.....	»	Eloy T. de Carvalho.....	»
Americo Gomes de Souza.....	Fundador	Fernando Costa.....	»
Americo Velloso.....	Effectivo	Flavio Espescht.....	»
Americo Meschessi.....	»	Fortunato Magalhães.....	»
Americo Papini.....	»	Francisco Bressane de Azevedo	Benemerito
Antenor de Salles Couto.....	»	Francisco de Paula Mattos...	Fundador
Antonio de Paula Martins.....	Fundador	Francisco de Paula Tertuliano	»
Antonio Borges de Oliveira.....	Effectivo	Francisco Alves Pereira.....	»
Antonio Vieira Barreto.....	»	Francisco Pedro Velasco.....	»
Antonio D. Gomes Lima.....	»	Francisco Coelho Netto.....	»
Antonio Miranda.....	»	Francisco Assis Martins.....	Effectivo
Antonio Brasilino.....	»	Francisco Murta.....	»
Antonio Costa Paulino.....	»	Francisco Felicissimo.....	»
Antonio Basileu de Carvalho.....	»	Francisco de Paula Gil Junior.	»
Antonio D. do Nascimento.....	»	Francisco Pereira de Jesus....	»
Antonio Gualberto.....	»	Francisco Bruno.....	»
Antonio Evangelista.....	»	Francisco Cunha.....	»
Antonio Pedro de Medeiros.....	»	Francisco A. D. Rocha.....	»
Antonino Carvalho.....	»	Francisco Gomes.....	Pensionista
Antonio Martins Junior.....	»	Francisco H. de Sant'Anna...	Effectivo
Aristides Alves Pereira, dr.....	»	Gabriel de Oliveira Santos, dr.	Benemerito
Aristides de Mesquita Telles.....	»	Garcia de Paiva & Pinto.....	»
Aristoteles Velloso.....	»	Geraldo de Paula Mattos.....	Effectivo
Arlindo de Oliveira.....	»	Geraldino Rodrigues Alves.....	»
Arthur Cyrino Rodrigues.....	Fundador	Heraclito da Costa Val.....	»
Arthur Almeida.....	Effectivo	Herculano Lisboa.....	»
Astrolindo Rodrigues.....	»	Herculano Coelho.....	Fundador
Astolpho Macedo.....	Fundador	Hermenegildo Cruz.....	»
Augusto Pereira Serpa.....	»	Hercules Jacobs.....	Effectivo
Augusto Perrotti.....	Effectivo	Homero de Souza.....	»
Belmiro dos Passos Moreira.....	»	Horacio Tertuliano.....	»
Benedicto Jardim.....	»	Ignacio Fonseca.....	»
Benedicto Miranda.....	»	Ignacio Campos.....	»
Benedicto Gomes de Araujo.....	»	Isidoro Barbosa.....	»
Benedicto Peixoto.....	»	Jacyntho Alves Pereira, dr.....	»
Bento Clemente.....	»	Jacobis Augusto.....	Fundador
Bernardino Rocha.....	»	Jair Cruz.....	Effectivo
Bolivar Barbosa.....	»	Jair Silva.....	»
Caetano Veronez.....	»	Jayme Silva.....	»
Camillo Lellis.....	»	Jayme Pinheiro de Faria.....	»

João Ferreira de Andrade.....	Fundador	Mário Speziali.....	Effectivo
João de Oliveira Matta.....	»	Miguel Speziali.....	»
João Lino de Castro.....	Effectivo	Mesias Caetano.....	»
João dos Santos Jordão.....	»	Mário Pedersoli.....	»
João Antonio Pereira da Silva.....	»	Moacyr Andrade.....	»
João Barbosa de Oliveira.....	»	Moacyr Cerqueira.....	»
João Honorio Gonzaga.....	»	Modesto Quites.....	»
João Berço.....	»	Nelson de Senna, dr.....	Honorario
João C. Borges.....	»	Nelson Marques.....	Effectivo
João das Chagas Lima.....	»	Nicanor Dias.....	»
João Pereira Marques.....	»	Nilo Gualberto.....	»
João Paulo de Freitas.....	»	Norvindo Mendonça.....	»
João Carvalhaes de Paiva, dr.....	Benemerito	Octavio de Oliveira.....	»
João Aristoteles Lopes, dr.....	Effectivo	Octaviano Mendonça.....	Pensionista
João Moacyr Matta.....	»	Olimpio Alves Pereira.....	Fundador
João Barbosa de Oliveira Junior.....	»	Olívio Augusto Ferreira.....	»
Joaquim Pedro de Almeida.....	»	Oscar Rodrigues.....	Effectivo
Joaquim Soares Maciel.....	»	Orthogamiz Santos.....	»
José Tertuliano.....	»	Ornelio Alves Pereira.....	»
José de Paula Santos.....	»	Oswaldo Barreto.....	»
José Januario de Figueiredo.....	»	Othon Alves Pereira.....	»
José Vicente de Faria.....	»	Paulo Diogo P. Leme.....	»
José Eloy Monteiro.....	»	Pimenta Bueno, dr.....	Benemerito
José Ramos Arantes.....	»	Pedro Alonso de Verçosa.....	Fundador
José Henrique Dutra.....	Pensionista	Pedro Celso de Abreu.....	»
José Wenceslau da Silva.....	Effectivo	Petrino Alves Pereira.....	»
José Alves Pereira.....	Fundador	Paulino Veiga.....	»
José Arantes de Carvalho.....	»	Pedro Pinto.....	Effectivo
José Cassemiro dos Reis.....	Effectivo	Prudente Versiani Caldeira.....	»
José de Oliveira Matta.....	»	Randolpho Dutra.....	»
José Candido de Oliveira.....	»	Raul Candido.....	»
José Possidonio dos Santos.....	»	Raymundo Felicissimo Primo.....	»
José Vaz de Mello.....	»	Raymundo Lopes de Oliveira.....	Fundador
José Lopes Guimarães.....	»	Raymundo Osorio.....	Effectivo
José Marques Rosa.....	»	Raymundo Pereira de Faria.....	»
José de Moura.....	»	Ricardo Alves.....	»
José B. Pinto Ferreira.....	»	Samuel Lima.....	»
José de Oliveira Lana.....	»	Sebastião Corrêa.....	»
José Felix Moreira.....	»	Senocret Augusto.....	»
Jorge de Oliveira.....	»	Sylvestre G. Soutto Mayor.....	»
Julio do Couto.....	»	Sylvio Rodrigues Pereira.....	»
Juscelino Barbosa, dr.....	Benemerito	Synesio de Sousa Lima.....	Fundador
Lauro Jacques.....	Fundador	Targino Martins.....	Effectivo
Leoncio Silva.....	Effectivo	Temistocles Campos.....	»
Lindolpho Garcia.....	»	Turiano Pereira.....	Fundador
Lindolpho Azevedo.....	Honorario	Theodorico Cruz.....	»
Lindolpho Espescht.....	Effectivo	Theodomiro Pereira.....	Effectivo
Leon Roussoulières, dr.....	Benemerito	Ulysses Cruz.....	»
Loth Coutinho.....	Effectivo	Valentim Cardoso.....	»
Luiz Gonçalves Pereira.....	»	Virgilio Gualberto.....	»
Manoel da Costa.....	Fundador	Vicente Caetano.....	»
Manoel da Silva Jorge.....	»	Virgilio De Santis.....	»
Manoel Gabriel de Almeida.....	Effectivo	Waldemar Celso de Abreu.....	»
Manoel Duarte Gouvêa.....	»	Wladimir Santos.....	»
Manoel de Oliveira Lana.....	»	Waldemiro Barbosa de Oliveira.....	»
Manoel Araújo Vianna.....	»	Washington Fonseca.....	»
Mário de Lima, dr.....	Benemerito	Wenceslau Braz P. Gomes, dr.....	Benemerito
Mário Soares de Azevedo.....	Effectivo	Zeno Pereira.....	Fundador
Mário Versiani Caldeira.....	»	Zevictor Ferreira Lopes.....	»
Mário Lapertosa.....	»		

Saudades!



FUNDADORES

Antonio Augusto das Dores
Americo Olavo dos Reis
Affonso Gonçalves
Alipio Silva
Americo de Paula Lima
Bernadino Raphael de Lima
Carlos Galeazzi
Cantilio Paranhos
Ernesto Senff
Eugenio do Carmo Velasco
Florencio Jorge do Carmo
Florencio Alves Pereira
Francisco Nascimento
Gustavo Dôres
Horacio Bueno
João Osorio Teixeira
João Ferreira de Mattos
João Qualberto da Silva

Joaquim Alves Pereira
José Severo de Carvalho
José de Jesus
José Paulino Fernandes
José Dias Coelho
Marciano Pereira de Miranda
Manoel Sabino Nonato
Manoel do Prado
Messias Caetano de Souza
Olympio Netto Caldeira
Pedro Alexandrino dos Santos

EFFECTIVOS

Antonio Carreira da Silva
Armando Rousoulières
Antonio Alexandrino
Alfredo Jorge da Silva
Bernardino de Jesus Martins
Carlos de Magalhães
José Pedro dos Santos Macieira
João Caetano Pereira da Silva
José Pereira de Jesus
José Augusto de Oliveira
Jão B. de Assis Martins
Juvenal Cruz
João Ramos
João Diogo do Espirito Santo
José Eugenio Ferreira
Luiz de Castro
Octavio Camillo Pereira
Quintiliano Caetano de Souza
Raymundo Monteiro
Raymundo de Abreu
Raymundo Alves
Tito Velloso
Ursulino Luiz Affonso
Vicente Medeiros
Zacharias Santiago

T4

(28)
28

